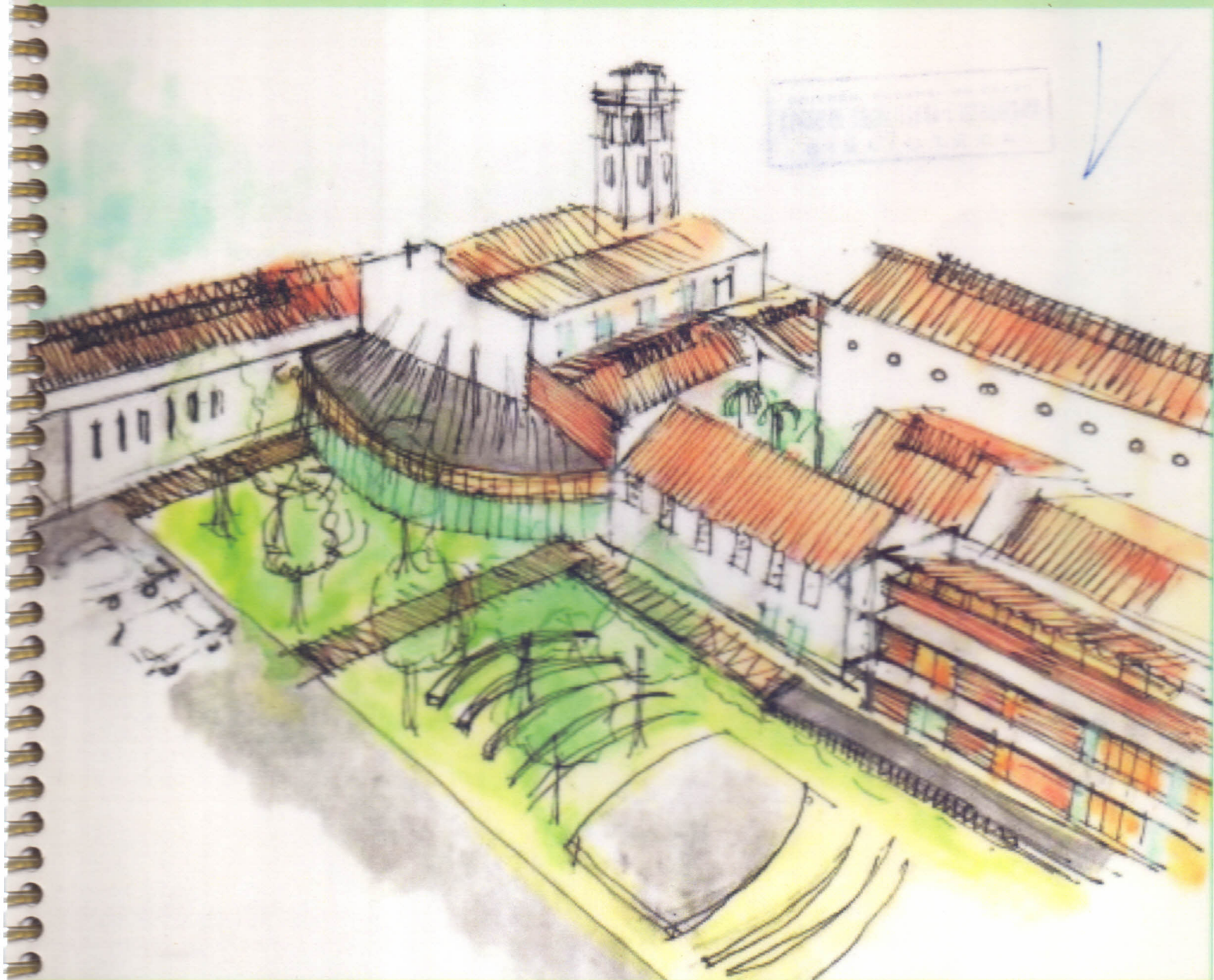


UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO  
ORIENTADOR: ROMEU DUARTE JÚNIOR



# INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

## PATRIMÔNIO E DINÂMICA GRUPAL

NOME: SARAH BASTOS DE MACEDO CARNEIRO  
MATRÍCULA: 0080004

JULHO 2007



Ao meu pai, parceiro de  
sonhos.  
E a todos os estudantes de  
arquitetura que ainda estão  
por vir.

## AGRADECIMENTOS

## RESUMO

O tema deste Trabalho Final de Graduação engloba a elaboração de um projeto arquitetônico qualificado como um **Instituto de Desenvolvimento Humano**. Trata-se de um local destinado ao treinamento e ao aperfeiçoamento dos papéis sociais e funcionais do ser humano através de terapias mentais, terapias grupais, pesquisas comportamentais e treinamento de lideranças e papéis funcionais com o objetivo de auxiliar empresas. Este é um programa inédito em Fortaleza, cuja importância se baseia no fato de que o cotidiano das pessoas se manifesta através dos nossos papéis, sejam eles sociais ou funcionais.

O projeto pretende assumir uma peculiar complexidade devido à sua implantação. Será feita uma intervenção no Conjunto Boris, um complexo de construções portuárias construídas entre o final do século XIX e início do século XX, localizado na Praia de Iracema. Essa ação será associada à construção de novas edificações. A intervenção física no existente será colocada como a valorização não só da obra arquitetônica, mas de uma determinada zona da cidade como um todo.

Assuntos relacionados ao patrimônio histórico e artístico estão cada vez mais em voga, dando maior estímulo ao tema. Pretende-se assim, analisar o papel da arquitetura não apenas na produção dos espaços, mas na requalificação destes.

**Palavras Chave:** Patrimônio, Dinâmica Grupal.

## AGRADECIMENTOS

À minha família pela compreensão e pelo suporte emocional, educacional e financeiro. Esse apoio fez com que eu conseguisse ingressar e concluir o Curso de Arquitetura e Urbanismo, sonho que carrego desde a infância. Em especial, agradeço ao meu pai Danúzio, pela sugestão do tema deste trabalho e pelo apoio na pesquisa teórica, e à minha mãe Sandra, pelo carinho e pelo estímulo.

Ao meu orientador, professor Romeu Duarte, peça fundamental nesse processo. Sem dúvida, um dos grandes responsáveis pelo meu interesse por patrimônio e por boa arquitetura. Professor sempre disposto a fornecer estímulos e novos conhecimentos capazes de guiar a minha percepção e o meu ritmo de trabalho.

A todos os professores da Escola, especialmente aqueles que marcaram de maneira peculiar a minha trajetória como aluna: Paulo Costa, responsável pelo meu pontapé inicial no mundo dos projetos arquitetônicos; Antônio Carvalho Neto, que me apresentou às estruturas metálicas (fundamental nesse trabalho); Paulo Cardoso, que me fez enxergar a arquitetura de maneira mais madura; Margarida Andrade, que me apresentou a diversos arquitetos inspiradores em suas disciplinas; José Perbelini Lemenhe, que me fez conhecer melhor a cidade de Fortaleza através de suas análises e Almir Farias, que me mostrou a importância do significado e do poder de comunicação da arquitetura. Agradeço também ao professor Joaquim Aristides, pela consultoria em alguns aspectos desse trabalho, e ao professor Caetano, responsável pela análise e correção das pranchas aqui apresentadas.

A todos meus colegas de turma, uma das mais unidas e animadas da história da Escola. Agradeço especialmente aos meus (futuros) sócios Ana Sancha Moura, Pedro Henrique Portela e Luis Carlos Filho, pela compreensão e apoio e aos meus grandes companheiros de amizade e trabalhos da faculdade e da vida, Rafael Moura, Samia Silveira e Larice Linhares, além da minha amiga Hulda Wehmann, que além de tudo, forneceu grande contribuição para a análise teórica da Praia de Iracema.

Aos meus amigos da Faculdade de Arquitectura do Porto, oriundos de vários países, companheiros de longas "directas" por diversas madrugadas e de angústias projetuais e existenciais. A todos os amigos brasileiros que fiz por lá, com quem mantenho estreito contato até hoje e sempre torceram muito por mim. Ao professor Zé Manel, que me ensinou a perder o medo de desenhar durante o processo projetual e à minha grande companheira de turma e de viagens Marília Fontenelle, por sempre ter estado ao meu lado em todas as minhas incursões arquitetônicas desde então.

Ao senhor Gerahrd Boris, por permitir a minha visita aos edifícios do Conjunto Boris, além de ter feito depoimentos a respeito da história do lugar e de ter fornecido fotos antigas. Ao pesquisador e memorialista Nirez, por ter me cedido algumas fotos do início do século XX importantíssimas para a elaboração deste projeto. Ao Pablo Melo, responsável pela digitalização de parte do levantamento. Ao Tiago Lopes, que me ajudou no momento da escolha do edifício para fazer a intervenção. Ao Alesson Matos, pelo apoio e pela ajuda na parte de Maquete Eletrônica.

A todos meus outros amigos e conhecidos, que sempre me deram força durante este período de árduo trabalho.

A Deus, responsável por tudo.

## SUMÁRIO

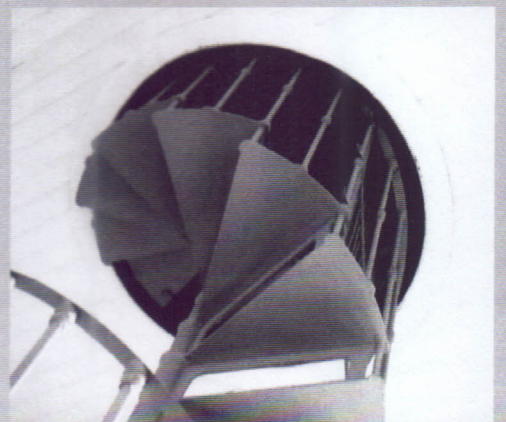
<b>1. Apresentação.....</b>	<b>07</b>
<b>2. Introdução e Metodologia.....</b>	<b>09</b>
2.1. Introdução	
2.2. Objetivos Gerais	
2.3. Objetivos Específicos	
2.4. Metodologia	
<b>3. Caracterização do Uso.....</b>	<b>12</b>
3.1. Dinâmica Grupal: Conceito e Breve Histórico.	
3.2. Reflexo da Dinâmica Grupal na Caracterização dos Espaços.	
3.2.1. A Dimensão da Dança	
3.2.2. A Dimensão Teatral	
3.2.3. A Dimensão da Escultura	
3.3. Estruturação do Instituto de Desenvolvimento Humano.	
<b>4. O Patrimônio Histórico.....</b>	<b>16</b>
4.1. Conceito de Patrimônio	
4.2. Os teóricos da preservação	
4.3. As Cartas Patrimoniais	
4.4. O Patrimônio no Brasil	
4.5 O Patrimônio em Fortaleza	
4.6. O Estado da Arte no Patrimônio	
<b>5. O Processo Inicial do Projeto.....</b>	<b>27</b>
5.1. Da vontade de trabalhar com patrimônio	
5.2. Da vontade de trabalhar com o tema	
5.3. Da escolha do bairro	
5.4. Da escolha do edifício	
<b>6. Caracterização do Bairro.....</b>	<b>32</b>
6.1. Histórico e Caracterização	
6.2. Análise do Espaço e da Arquitetura	
6.3. Legislação do Bairro	
6.4. O Edifício e a LUOS	
<b>7. O Edifício.....</b>	<b>42</b>
7.1. Localização no Entorno e Delimitação do Terreno	
7.2. Histórico	
7.3. Fotografias Antigas do Conjunto	
7.4. Análise do Estado Atual	
<b>8. O Mote: Ligação do Patrimônio com a Dinâmica Grupal.....</b>	<b>61</b>

**9. O Projeto.....63**

- 9.1. Inspiração
- 9.2. Diretrizes Preliminares Condicionadas Pelo Entorno
- 9.3. Implantação
- 9.4. Fluxos e Acessos
- 9.5. Partido Arquitetônico
- 9.6. Programa de Necessidades
- 9.7. Intervenção
- 9.8. Trajetória Ilustrada do Processo Projetual
- 9.9. Ações Trecho a Trecho e Aspectos Construtivos
- 9.10. Caracterização de Plantas, Cortes e fachadas (em anexo).

**10. Conclusão..... 89**

**11. Bibliografia..... 91**



**1**

# APRESENTAÇÃO

## 1. APRESENTAÇÃO

Este documento consiste em um **Trabalho Final de Graduação (TFG)**. Por constituir uma importante etapa de conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, é o momento de sedimentação dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida de estudante de acordo com as aulas assistidas, as pesquisas extracurriculares, os estágios e as visitas e viagens de estudo.

O principal objetivo deste trabalho é elaborar um projeto arquitetônico de um **Instituto de Desenvolvimento Humano** (centro de pesquisa, ensino e aplicação da Dinâmica Grupal) até a etapa de anteprojeto com detalhamento de algumas situações. Este trabalho pretende enriquecer o debate tanto do tema voltado à Dinâmica Grupal tanto do Patrimônio Histórico, visto que trata dos dois temas. Aqui, há a vontade de elaborar um projeto capaz de atender satisfatoriamente às condições propostas, ou seja, inserir satisfatoriamente o programa de necessidades proposto em uma edificação antiga, no caso o Conjunto Boris, associada a novas edificações a serem pensadas.



# 2 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

## 2. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

### 2.1. Introdução ao Projeto.

Será elaborado aqui um projeto de um **edifício institucional**, misto de centro pedagógico e centro de terapias, tratado pela alcunha de **Instituto de Desenvolvimento Humano**. Este edifício possui seus espaços configurados para a aplicação de Dinâmicas de Grupo e da Psicologia Social em grandes e pequenos grupos, visto que a humanidade se organiza e se configura através deles. Além da aplicação dessas atividades por terapeutas como psiquiatras e psicólogos, foram criados tanto espaços para pesquisar e difundir o tema, quanto locais que permitem o uso não só pelos estudantes, funcionários, pacientes e terapeutas como também pelo público geral, como restaurante, jardins, teatro-auditório, galeria com lojas e salas comerciais, de maneira a tornar o espaço convidativo de manhã, de tarde e de noite, tornando-o extremamente importante para a zona urbana onde se insere, no caso, a **Praia de Iracema**.

Sua importância é incrementada pelo fato da proposta trabalhar em edificações já existentes, no caso, o **Conjunto Boris**, dotado da antiga firma de importação e exportação, depósitos e pela chácara da família. Atualmente, tais espaços encontram-se utilizados de maneira fragmentada. Usos desconformes, como estacionamentos, depósitos e oficinas convivem com empresa de informática, floricultura e órgãos institucionais, como o SENAC e a Prefeitura do Centro Cultural Dragão do Mar. Ao devolver a esse edifício um uso unificado, promove-se uma maior sobrevivência a esses espaços, visto que o restauro do edifício não basta para permitir a sobrevivência do edifício. É essencial atribuir um uso a esse bem, de maneira a torná-lo útil para a sociedade.

Serão elaboradas ações de adaptação, preservação, restauro, reconstrução e justaposição, baseadas no estudo dos Teóricos do Patrimônio e das Cartas Patrimoniais. O novo uso deve promover a qualidade dos corpos edificados e do ambiente onde estão inseridos, sem descaracterizá-lo.

### 2.2. Objetivos Gerais:

O principal objetivo deste trabalho é elaborar um projeto arquitetônico capaz de atender satisfatoriamente as condições que se pretende assumir, ou seja, inserir eficientemente o programa de necessidades proposto em um antigo conjunto bastante heterogêneo, com edificações antigas de diferentes épocas, com diversos tratamentos e novas intervenções a serem elaboradas.

### **2.3. Objetivos Específicos:**

Buscar soluções que melhor se adaptem aos fatores ambientais, ao uso sustentável, à nova oferta de materiais de construção, à vontade de tratar o espaço como protagonista e às exigências de cada ambiente de acordo com a ocupação, a capacidade e os fluxos.

Estudar diretrizes para a melhor maneira de intervir em um conjunto com relevância histórica, artística e cultural, respeitando o edifício de tal maneira que não afete a identidade do bairro.

Integrar a comunidade através de usos que permitam o fluxo de diversos tipos de pessoas pelos ambientes, partindo do pressuposto que o edifício buscará enaltecer a grupalidade humana.

### **2.4. Metodologia:**

Determinadas etapas foram seguidas até a conclusão deste projeto. Primeiramente, escolheu-se um tema e manifestou-se a vontade de fazer esse trabalho atrelado a uma intervenção em um edifício antigo. Assim, partiu-se em busca de um bairro que atendesse bem a esses dois quesitos: uma boa infra-estrutura e localização para abrigar um edifício institucional e a presença de edifícios históricos degradados que justificassem uma intervenção. Assim, foi escolhida a Praia de Iracema.

Posteriormente, partiu-se em busca do Edifício. Após algumas análises, foi escolhido o Conjunto Boris (tal escolha está mais bem justificada no capítulo 6, O Processo Inicial do Projeto). Simultaneamente a essa busca, houve um aprofundamento no Programa de Necessidades e nas teorias do Patrimônio.

Após a elaboração do Programa, iniciou-se uma análise espacial e física do terreno e do edifício, de maneira a determinar melhor as ações a serem tomadas e a ocupação dos espaços. Tal análise foi baseada em visitas, levantamentos, pesquisa histórica e fotografias. Finalmente, se determinou cada ação a ser tomada, além do zoneamento dos ambientes, do tratamento das áreas externas e do direcionamento dos fluxos, culminando no Partido Arquitetônico.

Com base nisso, partiu-se para o anteprojeto. Foram feitas pesquisas em livros e catálogos, desenhos a mão e no computador para o estudo de materiais, detalhes construtivos, fachadas e espaços, definição de elementos como estrutura e cobertura e resolução de problemas encontrados, de acordo com a natureza de cada setor de atuação. Assim, nasceu o projeto apresentado aqui.



# 3

## CARACTERIZAÇÃO DO USO

### 3. Caracterização do Uso:

#### 3.1. Dinâmica Grupal: Conceito e Breve Histórico.

O ser humano ao nascer necessita de outras pessoas para a sua sobrevivência, no mínimo de mais uma pessoa, o que já faz dele membro de um grupo. (no caso de uma díade grupo de dois). E toda sua vida será caracterizada por participações em grupos, necessários para a sua sobrevivência, além de outros, circunstanciais ou esporádicos, como os de lazer ou aqueles que se formam em função de um objetivo imediato. (LANE, 1981, p.12)

A Dinâmica Grupal consiste em uma especialidade de conhecimento que trata das relações humanas exercidas em grupos sociais. Sua importância reside no fato de que a humanidade se organiza em grupos para exercer suas diversas atividades, que envolvem sempre pensamento e ação, sejam elas profissionais ou não. Um bom funcionamento das relações nestes grupos reflete numa maior produtividade e dinamismo, um fator de grande interesse para empresas e para educadores.

Exercida por profissionais ligados à psicologia, a Dinâmica Grupal engloba atividades em grupos democráticos que estimulam a cooperação e a comunicação dos membros de um grupo. São existentes duas variantes de intervenção: os Jogos dramáticos e o Psicodrama (CARNEIRO, 2001).

Os Jogos Dramáticos privilegiam o jogo espontâneo, geralmente desprovido de regras pré-estabelecidas. É muito aplicado no campo da educação, sendo chamado como o "teatro da educação".

O Psicodrama é também conhecido como "Teatro Espontâneo" ou "Teatro da Improvisação". Seus participantes não exercem papéis de maneira convencional, mas se utilizam de técnicas como solilóquios, inversões de papéis, duplos, espelhos, realização simbólica e psicodança.

Trata-se de um segmento da psicologia social que despertou interesse recente, no século XX. A Dinâmica Grupal ocupará nas ciências humanas um papel com importância semelhante ao que a psicanálise ocupou no século passado (CARNEIRO, 2001).

Suas origens então intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento da psicologia. Especificamente, os estudos a respeito da Dinâmica Grupal foram tomando corpo com o fortalecimento da nação norte-americana, baseada nos valores de democracia e associativismo (nos EUA é comum a formação de associações). Nos anos 1930, muitos profissionais saíram da Europa com seus regimes totalitários e foram viver nos EUA, onde teriam mais liberdade para realizar suas pesquisas. Com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, surgiram fortes preocupações com o rendimento das equipes de trabalho, gerando pesquisas sobre coesão e eficácia produtiva (CARNEIRO, 2001).

Muitos autores, como Joseph Pratt, Kurt Lewin e Jacob Levy Moreno foram responsáveis por estudos que promoveram um maior conhecimento sobre a dinâmica das relações humanas exercidas em um grupo. Moreno se destacou ao quebrar o estereótipo do "psiquiatra e seu divã", introduzindo um palco no ambiente de tratamento.

### 3.2. Reflexo da Dinâmica Grupal na Caracterização dos Espaços.

Neste projeto serão criados espaços em prol da realização e da divulgação da Dinâmica Grupal. Estes ambientes abrigarão atividades de ensino, pesquisa e aplicação das técnicas. Então, pode-se considerar que o Instituto terá dois domínios: o **domínio pedagógico** e a **domínio terapêutico**. Pretende-se fazer um paralelo com o modelo de serviços adotados por universidades.

Entre os usos que o edifício pode abrigar, está a capacitação de empresas, treinamentos de modernas pedagogias, programação de atividades criativas, gestão de participação social, projetos de investigação-ação (metodologia para intervir na vida social com o intuito de transformá-la), educação sexual e intervenções comunitárias.

O **domínio pedagógico** diz respeito às atividades de ensino e pesquisa. Na área de **ensino**, serão realizados seminários, cursos e workshops. Os seminários serão freqüentados pelo público em geral e abordará a Dinâmica Grupal e temas relacionados de uma maneira mais esquemática e simples, de maneira a difundir com uma maior facilidade os conhecimentos. Os cursos serão ministrados a classes de aula, enfocando o tema de maneira mais profunda. Por fim, os workshops serão direcionados a estudiosos do assunto, de maneira a aprimorar seus trabalhos.

A **pesquisa** será realizada com o intuito de promover um maior aprofundamento da consciência sobre o tema. Realizada em suas vertentes pura ou aplicada, poderá ter convênios com universidades ou empresas.

As práticas de ensino e pesquisa serão as responsáveis por um melhor funcionamento de atividades destinadas à **aplicação** da Dinâmica Grupal, ligada ao **domínio terapêutico**. Será o momento de interação direta entre profissionais ligados à psicologia com o público, que poderá ser formado por famílias, casais, empresas, crianças, entre outras formas de grupalidade. Também haverá espaço para o tratamento do indivíduo, partindo das palavras de Freud, que afirmava que a psicologia individual também é psicologia social. Ao mesmo tempo em que é impossível dissociar o indivíduo do todo, é possível a modificação da conduta individual através da transformação do comportamento em grupo (CARNEIRO, 2001).

As práticas terapêuticas são motivadas inicialmente pela **clínica**, que é ligada diretamente aos procedimentos médicos e psicológicos. Envolve um procedimento de observação e a análise do paciente, com a intenção de obter-se um diagnóstico que conduz à terapia.

As formas de terapia que envolve a Dinâmica Grupal são extremamente vinculadas à arte. As atividades artísticas possuem uma capacidade de apelo muito forte, que tornam o tratamento mais eficiente. Entre as mais importantes práticas, está o uso do teatro e da dança como forma de estimular o homem a pensar em sua própria condição.

### **3.2.1. A Dimensão da Dança**

A psicodança é um importante instrumento de terapia. A música, através do seu ritmo, melodia e letra, é vivida pelo corpo com intensidade, e os movimentos são motivados por palavras intrinsecamente ligadas ao espaço da dança proferidas pelo terapeuta. As palavras estimulam a imaginação, que dão a tônica aos movimentos (FUX, 1983).

O espaço é intensamente vivido, e nele, o corpo consegue projetar seus sentimentos. Assim, não é transformada apenas a relação do indivíduo com o corpo, mas com o mundo. Ao trabalhar com o corpo e o espaço, atinge uma dimensão democrática que pode favorecer pessoas de todas as idades, com problemas mentais ou não, e inclusive, surdos.

A dança é importante para descarregar tensões e liberar complexos. Reforça a auto-estima, trabalhando o corpo. Praticada em grupo, estimula a cooperação entre as pessoas. As vitórias de cada um estimulam os demais.

### **3.2.2. A Dimensão Teatral**

O uso do teatro como terapia será uma das principais questões a serem pensadas neste projeto. Como a Dinâmica Grupal envolve o psicodrama, terão que ser previstos espaços ligados ao fazer teatral.

O teatro apresenta-se como reflexão sobre a condição humana, sobre seu comportamento ético e sobre suas relações sociais dentro de determinada realidade.

O espaço deve permitir uma maior interação entre público e atores, já que todos fazem parte da terapia. A comunicação deve ser estimulada de maneira a promover o pensamento crítico e a análise das atitudes humanas, aproximando-se muito do teatro épico de Bertold Bretch, que coloca o homem como objeto de análise.

Devido à sua dimensão terapêutica, o cenário apresenta-se limpo, sem acessórios. O homem e o seu corpo é o centro, e o público que o assiste configura o próprio cenário. O minimalismo assemelha-se muito ao teatro da Bauhaus. Recursos multimídia, como sons e projeções, também podem ser utilizados.

### 3.2.3. A Dimensão da Escultura

Esculturas de grupos humanos estarão inseridas no Centro com o intuito de permitir meios para o homem repensar sua condição. Haverá um resgate da importância do chamado *gruppo scultorico*:

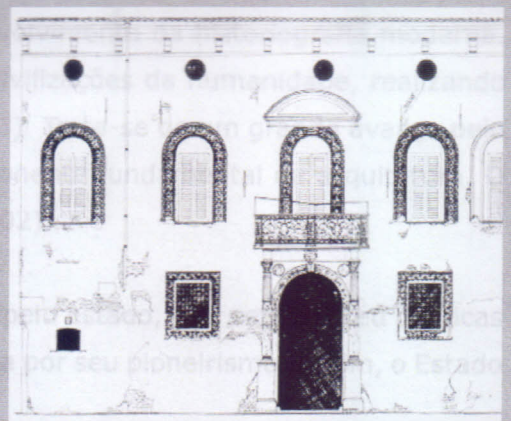
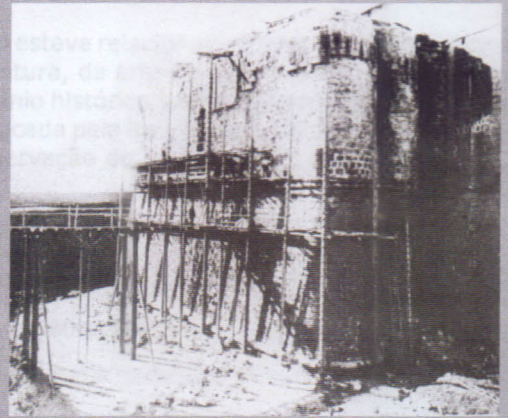
O *gruppo scultorico* é uma forma artística própria do Renascimento, através da qual as esculturas que em tempos medievais estavam sempre integradas ao edifício passam a ser expressões artísticas em volume, separadas dos prédios, ao redor das quais é possível caminhar para apreciá-las, ou seja, é possível rodeá-las; muda assim a relação entre o homem, suas produções artísticas, o espaço e a transcendência. Ao mesmo tempo, outra das características do *gruppo scultorico* a ser destacada é que suas figuras ganham mais sentido quando observadas como conjunto do que isoladamente. (FERNÁNDEZ, 2006, pg. 17-18).

### 3.3. Estruturação do Instituto de Desenvolvimento Humano.

Trata-se de uma empresa de médio porte, gerida por um grupo executivo composto por três membros. Os três cargos são ocupados por um Coordenador Geral, um Supervisor geral e um Orientador Geral, que exercem papéis complementares. Não há entre eles a hierarquia convencional de chefe e subalterno. A diferença entre eles é plenamente funcional.

O Coordenador Geral é quem faz acontecer. É o responsável por funções executivas e tradicionais, englobando a coordenação dos setores de ensino, pesquisa e aplicação e a apresentação do plano de metas financeiras, entre outras funções. O Supervisor Geral tem ascendência sobre o Coordenador Geral, supervisionando os seus atos. Por fim, o Orientador Geral age diante da emergência da tarefa. Busca resolver dúvidas sobre a melhoria da empresa ou sobre a realização de eventos. O Orientador Geral é diretamente ligado à Dinâmica Grupal, e se utiliza de outros Orientadores caso as dúvidas envolvam outras disciplinas.

Seu sustento é garantido pelos usuários das salas de terapia e dos alunos que participam dos cursos e workshops ministrados nas dependências do Instituto. A dimensão pedagógica permite convênios com universidades. A receita é incrementada pela presença de equipamentos que podem ser utilizados por um público externo não afetado diretamente pelos serviços do Instituto, como o restaurante e as lojas da Galeria do Encontro, aberto ao público geral, além do aluguel de salas comerciais (cujo uso seria priorizado para médicos, psicólogos e terapeutas) e do teatro-auditório nos momentos em que não for utilizado para fins terapêuticos.



# 4 O PATRIMÔNIO HISTÓRICO

## 4. O Patrimônio Histórico

### 4.1. Conceito de Patrimônio Edificado

Durante muito tempo o conceito de patrimônio esteve relacionado a monumentos isolados e à sua importância para a história da arquitetura, da arte ou de um povo. As primeiras teorias relacionadas à preservação do patrimônio histórico foram lançadas por estudiosos europeus preocupados com a destruição provocada pela Revolução Industrial e Revolução Francesa e tratavam essencialmente da preservação de monumentos isolados (COSTA, 2003, pg 08).

O **patrimônio edificado** considera o edifício como documento de uma memória coletiva. Seu conceito está intimamente ligado ao entendimento da noção de monumento e monumento histórico. Segundo Choay, que explica bem a diferença de significado, o **monumento** constitui algo feito para rememorar um fato. Por causa disso, as pessoas exercem uma íntima relação com o monumento. Posteriormente, seu significado mudou para algo que encanta pela grandeza.

O **monumento histórico** não foi construído exatamente para fins comemorativos. É escolhido num momento posterior por historiadores e amantes da arte, devido às suas qualidades estéticas e importância histórica. O Monumento histórico é uma relíquia de um mundo perdido, sendo considerado, por isso, um patrimônio da humanidade que deve ser preservado.

O patrimônio edificado soma uma dimensão material, advindo da natureza da matéria, e imaterial, que consiste no impalpável. A imaterialidade informa muitas coisas, como ritos e hábitos inerentes ao seu espaço. Essas duas instâncias quando somadas exprimem a cultura de um povo.

O aprimoramento deste conceito é intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da historiografia moderna. Estudiosos europeus partiram em busca dos vestígios das grandes civilizações da humanidade, realizando nestes espaços pesquisas, escavações e levantamentos (COSTA, 2003). Trata-se de um grande avanço pelo fato de que até os fins do século XVIII, a história não era um componente fundamental da arquitetura. O conhecimento do passado era restrito à antiguidade clássica (TOMÉ, 2002).

Com as ameaças de vandalismo, o patrimônio passou a ser cultuado pelo estado, que estabeleceu políticas culturais de preservação. A legislação francesa de proteção é conhecida por seu pioneirismo. Assim, o Estado passa a interferir diretamente na proteção. (CHOAY, 2001)

A industrialização contraditoriamente foi o grande motor que favoreceu o surgimento de leis visando a proteção do monumento histórico. Surgiu uma nova etapa, onde se avançou muito no estudo e na preocupação com o patrimônio edificado, visto que a industrialização significava uma grande ameaça à

integridade destes edifícios. (CHOAY, 2001). Nesse período, muitos passaram a considerar o monumento histórico com uma importância tal que se torna insubstituível. Sua perda é irreparável.

As descobertas arqueológicas e o próprio debate sobre o patrimônio geraram a expansão do campo cronológico no qual se inscrevem os monumentos históricos. Atualmente, a expansão do repertório patrimonial ultrapassa as barreiras da revolução industrial e atinge o modernismo. Segundo Choay, a expansão tipológica do patrimônio se dá pela anexação, pela prática conservatória de edifícios produzidos na segunda metade do século XIX e XX, dotados de novas técnicas. Surgiu também uma preocupação com o patrimônio industrial.

A restauração passa a ser tratada como disciplina através de um processo muito lento e recente. As idéias ligadas à conservação e restauração ganham força no século XIX com o surgimento dos arquitetos dos centros históricos. Eles eram especialistas em intervir em edificações antigas.

Com a mundialização dos valores e das referências ocidentais, foi reforçado o culto ao patrimônio. Com a ampliação da difusão dos conhecimentos e o turismo cultural de massa, houve o aumento do público dos monumentos históricos. Assim, os monumentos transformaram-se em produtos culturais para serem produzidos e consumidos. São explorados à exaustão para multiplicarem indefinidamente o número de visitantes (CHOAY, 2001).

A cultura perde assim seu caráter de realização pessoal, torna-se empresa e logo, indústria. Estratégias de valorização monumental foram elaboradas. Muitas vezes, as restaurações resultam em reconstituições fantasiosas, enganando o visitante a respeito do real estado da edificação. O monumento também é tratado como um espetáculo, sendo mostrado do ângulo mais favorável (acarretando muitas vezes na destruição de parte do entorno), sob um forte jogo de luzes. Manequins e marionetes remetendo à época de construção também são utilizados para proporcionar uma maior animação cultural. (CHOAY, 2001).

Diante disso, é colocada uma nova visão. O patrimônio não deve ser pensado apenas no âmbito simbólico e cultural. Deve contribuir também para a sustentabilidade daquela área. Além disso, vale ressaltar que arquiteturas e espaços não devem ser fixados por uma idéia de conservação intransigente, mas sim manter sua dinâmica: este é o caso da pirâmide do Louvre. (CHOAY, 2001). O grande desafio é não prejudicar a integridade do monumento histórico em prol de usos maléficos.

O grande desafio é adaptar o monumento a um novo uso, coerente com os dias atuais. É nesse panorama que entra a questão da **reutilização**, que consiste em reintegrar um edifício desativado a um uso normal. Dar uma nova utilização é algo difícil e complexo, pois o uso também provoca desgaste. Sua prática deveria ser objeto de uma pedagogia especial, já que a intervenção em prol da reutilização engloba certas exigências metodológicas que a construção do novo nem sempre comporta, exigindo um vasto conhecimento em arte,

história e construção.

## 4.2. Os teóricos da preservação

O pioneirismo na teoria do patrimônio é atribuído a homens do período pré-industrial que têm contato com o mundo da fábrica. Pode-se avaliar inicialmente a existência de duas correntes: a doutrina intervencionista, defendida por Viollet le Duc, que colocava o restauro como algo de vital importância e a doutrina anti-intervencionista, defendida por Ruskin, que considera a restauração como destruição.

Com o nacionalismo emergente, houve a eleição dos estilos medievais. Nesse panorama, surgiu o nome de Viollet le Duc, colocado como o pioneiro do "restauro estilístico" (COSTA, 2003). Seu trabalho com a arquitetura gótica considerava a sua racionalidade construtiva.

O arquiteto elaborou livremente diversos preceitos. Seu trabalho de natureza polêmica permitia adições e retiradas baseadas na "censura crítica" aos arquitetos do passado. Ele colocava que o restaurador deveria respeitar a forma primitiva do edifício e rejeitar os acréscimos posteriores, além de fazer uso de novos materiais substituindo os antigos. A cópia e o original devem se confundir de forma que os novos materiais gerassem uma integridade estilística. (TOMÉ, 2002). Assim,

Viollet le Duc foi um dos grandes defensores do estudo e preservação da arquitetura medieval e influenciou bastante as práticas de restauro da época. Ele defendia do edifício como meio de garantir sua manutenção e acreditava que o arquiteto responsável por uma obra de restauro deveria ser um hábil e experimentado construtor e profundo conhecedor do edifício a ser restaurado (COSTA, 2003, pg 09).

Apesar de polêmico, seu trabalho foi de vital importância por colocar o restauro como atividade criativa.

Ao mesmo tempo em que Viollet le Duc atuava na França dois teóricos preocupavam-se com as crescentes modificações na Inglaterra advindas da Revolução Industrial. Eram John Ruskin e William Morris.

Ruskin e Morris foram os primeiros a conceber a proteção dos monumentos históricos em escala internacional. Inclusive, tratavam o monumento histórico como algo mais próximo da noção original de monumento. A arquitetura doméstica era considerada como patrimônio, além dos conjuntos urbanos. Tinham em mente o fato de que a urbanização, quando desenfreada, consiste em uma ameaça à cidade histórica e preocupavam-se com as alterações na malha urbana original (CHOAY, 2001).

Diferentemente de Viollet le Duc, Ruskin e Morris consideravam como essencial o valor de autenticidade. Para eles, a prática da restauração significava a mais completa destruição de um edifício (COSTA, 2003).

novos conceitos, apresentando uma visão mais racional,

Dotados de uma visão extremamente parcial, defendiam que usos modernos de grande escala têm lugar no novo mundo. A cidade pré-industrial deve manter-se em sua integridade (CHOAY, 2001).

devem ser pensados com ponderação. Os valores ganhava força

Ruskin e Morris consideravam que a ruína tem um caráter sublime. Foram pioneiros em considerar o problema da ruína, desconsiderada até então. Porém, limitam-se a assumir uma atitude meramente contemplativa na maior parte dos casos, fruto do romantismo da época.

que todo existam em harmonia, numa integração. Este valor recuou

Nos fins do século XIX, uma nova linha de atuação surge na Itália, que até hoje consiste em um grande laboratório de preservação. O ambiente rico em edificações históricas permitiu um maior desenvolvimento da arqueologia, incrementando o pensamento crítico quando se trata de questões patrimoniais. Assim, a ação de Viollet le Duc em transformar ao seu gosto edifícios do passado é ameaçada por uma postura mais embasadora e sólida. Neste momento, surge Camilo Boito, o pioneiro no restauro científico, cujas posições são adotadas até hoje.

sem sucesso. Entretanto, a intervenção em espaços públicos, geraram-se modificações no

Na Itália, assim como em outros lugares, os princípios de Viollet le Duc inspiraram a maioria das grandes restaurações, sobretudo em Florença, Veneza e Nápoles, onde Ruskin e Morris os atacara diretamente. Confrontado com essas doutrinas antagônicas, Boito recolhe o melhor de cada uma, extraindo delas, em seus escritos, uma síntese sutil, que, aliás, nem sempre haverá de aplicar em suas restaurações (CHOAY, 2001, pg 164).

trabalho e a contribuição de Boito e de Riegl para uma visão mais crítica do trabalho com o patrimônio, as

Além de ponderar entre as teorias de Ruskin e Morris, Boito foi o primeiro técnico a se preocupar com um método de trabalho. Acreditava na importância do bom senso no momento de intervir, e que essa postura deve ser balizada pelo conhecimento profundo do edifício. Ocupou-se com as patologias e considerava o fato de que o edifício não se deteriora por igual.

pelo Italo Boito, o pai do Restauro Científico, que influenciou a atuação de Camilo Boito

Considerava que mesmo os acréscimos posteriores deveriam ser respeitados, defendendo a demarcação clara das intervenções, diferenciando-as das partes antigas, sem, no entanto prejudicar a harmonia da edificação com acréscimos destoantes. Assim, era partidário da intervenção minimalista, diferenciando a nova construção da preexistência.

contribuiu para a evolução do pensamento crítico do trabalho com o patrimônio, as

Apesar de considerar o restauro como algo legítimo, não deixa de colocá-lo como uma medida extrema, a ser feita apenas em ultimo caso (CHOAY, 2001). Em primeira instância, deveria ser empregada a conservação.

Vale salientar sua atitude excessivamente metódica, que o fez elaborar três tipos de intervenção de acordo com o estilo e a idade da edificação (CHOAY, 2001). Seu rigor refletia na sua visão de que determinados tipos de restauro são adaptados a determinados tipos de edifício.

As C

No meio desse debate acirrado, no início do século XX, surge o nome do historiador vienense Alois Riegl. Considerado por Choay como um nome que permitiu uma maior contribuição ao tema, gerou a introdução de

novos conceitos, apresentando uma visão mais racional.

Quando um monumento entra em processo de reutilização e tombamento, surgem conflitos entre valores que devem ser pensados com ponderação. Os valores ganham força tanto pelo seu caráter de rememoração quanto de contemporaneidade.

Os Valores de **rememoração** englobam a **ancianidade** e o valor **histórico**. O valor de ancianidade considera que todo edifício tem um fim comum, que é a degradação. É um valor reconhecido por todos. O valor histórico remete a um saber. É algo percebido por estudiosos do assunto.

Os valores de **contemporaneidade** consistem no valor de **utilidade** e no valor **artístico**. O valor de utilidade distingue as ruínas arqueológicas, que não oferecem mais possibilidade de uso, mas têm valor histórico agregado de outras edificações antigas. O valor artístico considera que a obra antiga ainda é capaz de comover a atualidade. Pode-se considerar também o valor de **novidade**, onde a obra salta aos olhos devido ao aspecto bem cuidado. Em muitos casos, ao buscar o valor de novidade, geravam-se modificações nos monumentos: acréscimos de unidades volumétricas e espaciais, sobreposições de elementos plásticos e reinterpretações (TOMÉ, 2002).

Mesmo com a contribuição de Boito e de Riegl para uma visão mais crítica do trabalho com o patrimônio, as idéias de conservação e restauração mantiveram-se fieis aos princípios de Viollet le Duc até os anos 1960 (CHOAY, 2001). Em suma, outras teorias foram assimiladas apenas em um passado bem recente.

Outro grande nome dos primórdios da defesa do patrimônio histórico foi Cesare Brandi. Ele foi o responsável pelo Instituto Central do Restauro (ICR), considerando que não existe apenas uma linha de intervenção no edifício, mas várias. A dimensão crítica do restauro depende não apenas do conhecimento, mas do posicionamento intelectual.

Uma de suas grandes contribuições foi considerar que cada caso é um caso. Assim, foi enorme a sua contribuição para a visão do edifício como uma obra de arte. A subjetividade foi colocada pela primeira vez em questão, considerando que ela pressupõe a interpretação de técnicas e teorias, e não um trabalho sem embasamento teórico.

### 4.3. As Cartas Patrimoniais

As Cartas Patrimoniais consistem em uma série de documentos com recomendações e conclusões a respeito do trato com o Patrimônio. A elaboração de tais normas de conduta, que possuem alcance internacional, foi fomentada através de diversas reuniões realizadas ao redor do mundo, em diversas épocas, desde a

elaboração da primeira Carta de Restauo de Atenas, em 1931. Desde esse período, já foram elaboradas cerca de 40 cartas. O conteúdo busca organizar as políticas de intervenção, preservação e conservação, a elaboração de inventários e a participação da comunidade, superando o caráter de simples normas para configurarem conceitos de alcance global sobre a importância do patrimônio.

A carta de Restauo de Atenas de 1931 tratava dos princípios gerais da proteção de monumentos de interesse histórico, artístico e científico (Studart, 2003). Nela, já se considera a importância de preservar um monumento quando diz respeito a um interesse geral. Porém, tal preservação não tem razão de ser se afetar a salubridade da edificação usada pela população.

Tal Carta apresenta forte contraste com outra Carta, mais famosa e elaborada dois anos depois: A Carta de Atenas de 1933, advinda de uma reunião do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), demonstra que o pensamento dos arquitetos da época não é nada preservacionista, ao defender que o passado deveria ser ignorado em prol da nova arquitetura moderna.

"Acreditando que os centros antigos eram espaços densos e ameaçadores para a cidade moderna, Le Corbusier sugeriu a demolição de boa parte desses espaços para, em seu lugar, serem implantados arranha-céus sobre pilotis que aumentassem a densidade populacional e liberassem espaço para a área verde e circulação."

Somente em 1964, com a Carta de Veneza, surgida após várias experiências modernistas que motivaram a revisão do movimento moderno, que as questões relativas ao patrimônio foram tratadas com maior vigor. Foi elaborada no Segundo Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos.

Além de conferir importância à Carta de Atenas de 1931, seu pensamento é claramente fundamentado nas teorias do restauro científico e considera a importância do pensamento crítico do restaurador. Ao considerar que será eliminado somente o que não tem calor histórico, arqueológico ou estético relevante, considerou-se a capacidade do arquiteto em fazer juízo de valor sobre os elementos do edifício.

A carta também defende uma clara distinção dos elementos acrescentados dos originais (sem, no entanto, ferir a harmonia, questão onde entra mais uma vez a sensibilidade do arquiteto). Repudia-se a atitude de reconstruir ruínas e a preocupação em garantir a proteção ao monumento.

Outro importante assunto abordado foi a declaração dos sítios históricos como patrimônio.

Em 1967, com a Carta de Quito, foi reforçada a importância da Carta de Veneza. Novas perspectivas também foram colocadas, enfocando a ligação do meio urbano com o patrimônio, como o fato de que o monumento é indissociável do espaço e de que ambiente urbano ou natural que emoldura os bens também é importante.

Um pensamento mais maduro reflete-se nas soluções mais conciliatórias. Devem-se conciliar as exigências do progresso urbano com a salvaguarda dos valores ambientais. A área de implantação de uma construção torna-se comprometida por causa da vizinhança imediata ao monumento. Passará a fazer parte dele quando for valorizada.

Outro aspecto bastante comentado é a ligação dos monumentos com o turismo, ao considerar que constituem também recursos econômicos. Tal questão foi abordada com o incremento do turismo de massa e com a necessidade de tornar o monumento mais viável às necessidades de sustentabilidade da população. Com isso, não há só o incentivo à preservação, capaz de garantir o sentimento de identidade, mas a preocupação com a função social do monumento.

Outra carta relevante é a Carta de Burra, redigida em 1980. Tal documento busca atuar como um guia de conservação e gestão, baseado em conhecimentos que nessa época, já estavam mais esclarecidos e sedimentados. Em seu conteúdo, estão anunciados os conceitos de manutenção, reparação, restauração, reconstrução, conservação e preservação, a serem descritos posteriormente.

Vale ressaltar que a presença de tais cartas por si só não gerariam ações em prol do patrimônio. A participação do poder público é essencial e sua atuação pode se dar tanto nas esferas financeiras, financiando ou contribuindo para ações de restauração e conservação, ou no âmbito da educação, estimulando programas de conscientização para a questão patrimonial.

#### 4.4. O Patrimônio no Brasil

Desde o Século XVII que se manifestou alguma vontade em preservar o patrimônio no Brasil. Porém, somente na década de 30 que o tema passou a ser abordado de maneira mais séria e abrangente, com a criação do SPHAN (atual IPHAN) pela Lei nº. 378/1937, em pleno governo Getúlio Vargas. Sob a sua proteção, estão manifestações artístico-culturais, edificações, conjuntos urbanos, sítios arqueológicos e de valor paisagístico.

Os modernistas intelectuais da época foram os criadores e os primeiros a trabalharem na instituição. O ministro Gustavo Capanema, Mário de Andrade e Rodrigo Franco Melo de Andrade foram os grandes nomes que deram o pontapé inicial em suas atividades. O SPHAN contou na época com a colaboração de Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Afonso Arinos, Lucio Costa e Carlos Drummond de Andrade. Desde então, os trabalhos de identificação, documentação, proteção e valorização do patrimônio brasileiro nunca cessaram.

Mário de Andrade preocupava-se com unificação da arte, valorizando manifestações eruditas e populares, antecipando os preceitos da Carta de Veneza. Também considerava importante o despertar da população para

a fruição estética, colocando assim a dimensão social do SPHAN.

Porém, no tocante ao patrimônio edificado, a preocupação inicial recaiu sobre exemplares do movimento barroco e do modernismo, principalmente edifícios da arquitetura religiosa. O ecletismo inicialmente era desconsiderado, sendo visto como uma arquitetura de má qualidade.

O Estado novo configurou-se como a fase "heróica" do SPHAN. Após esta época, a instituição perdeu muito do seu caráter inovador e não conseguia mobilizar governo e sociedade. O motor da modernização ganhava força e os valores de urbanização desenfreada e de industrialização demonstravam ser mais importantes que os valores preservacionista. A falta de recursos fez com que a especulação imobiliária se configurasse como uma grande ameaça (LONDRES FONSECA, 1997).

Em 1965, o SPHAN fez todo um esforço para reformular sua desgastada imagem. Recorreu à Unesco para incrementar seu poder de ação. Também se buscou a descentralização das ações do órgão federal, que buscou apoio nas ações do Estado e do Município, atualmente também responsáveis por tombamentos. A criação de regionais com uma legislação própria foi um acontecimento muito positivo.

Nessa época, começou a se associar os monumentos à captação de recursos econômicos. A revitalização de monumentos em degradação no Nordeste busca assim ajudar a incrementar o potencial econômico e turístico.

Com a ligação do patrimônio ao turismo, surgiram duas visões antagônicas. Uma que defendia a reconstrução das cidades históricas em prol do turismo de massas e outra posicionada a favor da defesa da questão cultural no sítio histórico, para reforçar as referências de determinada população. Esses conflitos de ideologias subsistem com força até hoje. (LONDRES FONSECA, 1997).

Nos anos 1980, a política de preservação ganhou uma nova tônica. Assistiu-se a ampliação do leque em prol da democratização cultural e da valorização da cultura popular. O aspecto pluralista da cultura nacional passou a ser mais respeitado, ajudando a eliminar muito da postura metódica e normativa que o IPHAN exibiu até então.

Com a ampliação do leque de bens protegidos como patrimônio e com a difusão dos direitos culturais, houve o favorecimento de bens de locais sem tradição cultural, como o Ceará.

Atualmente, a instituição é vinculada ao Ministério da Cultura. Realizou o tombamento de cerca de 21 mil edifícios e de 79 centros e conjuntos urbanos, além de vários sítios arqueológicos, objetos, documentos, fotografias, livros, filmes.

#### 4.5 O Patrimônio em Fortaleza

Fortaleza é uma cidade que ganhou importância recentemente, nos últimos 150 anos. Por um bom tempo, Fortaleza teve seus edifícios mais antigos, datados em sua maioria dos séculos XIX e do início do século XX, totalmente desvalorizados, sendo paulatinamente destruídos e descaracterizados.

Como boa parte dos exemplares arquitetônicos encontrava-se no Centro da cidade, na praia de Iracema, no Benfica e em Jacarecanga, muitos dos edifícios foram degradados com a desvalorização desses bairros. O interesse pela preservação foi por um bom tempo manifestado quase que unicamente por poucos teóricos e estudiosos do tema (que refletiu no tombamento de alguns edifícios, como o Teatro José de Alencar, o Mercado da Carne, o Museu do Ceará, a Casa José de Alencar e o Passeio Público). Somente nos últimos anos que o poder público manifestou algum interesse. O público leigo pouco a pouco vem assimilando as idéias preservacionistas, ainda que de maneira bastante incipiente.

Nos últimos 20 anos, algumas ações de restauro emblemáticas vêm marcando a história da cidade. Teatro José de Alencar, Mercado dos Pinhões, Fortaleza Nossa Senhora da Assunção, Projeto Cores da Cidade (intervenção em fachadas) e mais recentemente, Casa José de Alencar, Palacete Carvalho Mota, Hotel Du Nord e Sobrado José Lourenço. Essas obras vêm mobilizando a opinião pública para a importância da preservação do patrimônio edificado.

#### 4.6. O Estado da Arte

Diante de todo um aprofundamento teórico, ao se lidar com patrimônio é essencial ter em mente certos conceitos, que por terem sido excessivamente debatidos, têm um significado claro.

Muitos dos conceitos estão claramente definidos na Carta de Burra. Nela está a diferenciação entre **manutenção** e **reparação**. Enquanto a primeira engloba a proteção contínua ao monumento, a segunda implica em **restauração** e **reconstrução** (CURY, 2000).

A **restauração** é um tema constantemente abordado nas Cartas, pois é impossível dissociar seu significado da questão patrimonial. Constitui uma intervenção direta no bem patrimonial, para promover a sua recuperação. Atualmente, sua ação envolve todo um aporte teórico e toda uma postura crítica que não prejudique a integridade da obra. O **restauro crítico** defende o respeito às contribuições de todas as épocas e o cuidado ao se retirar e ao se acrescentar os elementos, para não gerar falsificações num monumento valorizado por seus valores históricos e artísticos (CURY, 2000).

A **reconstrução** implica no restabelecimento com o máximo de exatidão ao estado anterior. Introduce materiais diferentes, novos ou antigos. Pretende restabelecer ao grupo uma significação cultural perdida, ao completar partes desfalcadas (CURY, 2000).

Os dois conceitos anteriores diferenciam-se da **reforma** devido ao seu aporte teórico. A reforma é acrítica, apesar também de envolver serviços ou obras capazes de modificar a estrutura e o espaço da construção.

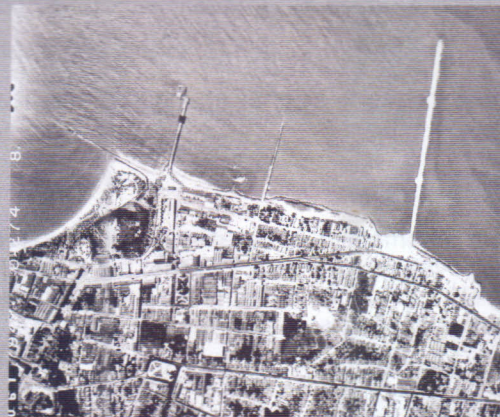
Porém, nem todo monumento é passível de ações de intervenções diretas. A postura que deve ser priorizada é sempre a **conservação**, Citada nas cartas de Burra, de Quito e de Atenas, constitui uma série de medidas com o intuito de manter em segurança as características do monumento. Atua sob o signo do respeito, ao exigir a **manutenção** de um edifício no plano das formas, da escala, das cores, da textura, objetivando manter a sua integridade e afastar as possibilidades de decadência (STUDART, 2003). O deslocamento da edificação só é permitido em último caso. Toda ação conservatória deve-se apoiar em provas documentais.

A **preservação** se limita à proteção, à manutenção e à estabilização. É garantida por meios legais, e preza pela manutenção da originalidade. Segundo Cristian Lemos:

As questões relativas à preservação de bens começam a ser tratadas a partir de 1974, com a Resolução de São Domingos, onde é considerada fundamental a investigação histórica visando reunir o maior número de dados sobre o bem em foco. Em 1977, foi redigida a Carta de Machu Picchu, onde se observa um direcionamento para questões sociais que estão implícitas no bem, conferindo-lhe, além de seu caráter histórico, uma importância cultural e social. Também a Carta de Burra afirma a carga de significados culturais existentes em um bem, recomendando a aplicação de técnicas preservativas que mantenham as características que lhe conferem o significado cultural (LEMOS 2004).

Um termo que consegue englobar todos os demais é o conceito de **Salvaguarda**. Descrito na recomendação de Nairobi de 1976, ele diz respeito a uma reunião de todas as medidas de intervenção assegurando a conservação, a restauração e a proteção dos monumentos.

Com o urbanismo pós-moderno e com a valorização da importância do patrimônio como conjunto, e não como apenas um monumento isolado, houve o surgimento de novos termos, como renovação urbana, reabilitação urbana, requalificação urbana e revitalização urbana. São termos com significados muito semelhantes. A **renovação urbana** é extremamente radical, e consiste na substituição de antigas estruturas por outras novas, para gerar um novo caráter para uma determinada área. A **reabilitação urbana** significa a transformação de áreas degradadas através da implantação de novos equipamentos e infra-estruturas, além de intervir em edifícios existentes. A **requalificação urbana** é a prática de incentivar mudanças sócio-econômicas com a intenção de transformar uma área, reimplantando antigas funções que atualmente encontram-se comprometidas, como a habitação, o comércio, os serviços e os usos culturais, além da reutilização de edifícios históricos, incremento do turismo e dinamização espacial, ganhando sinônimos, como a palavra "**reanimação**", conceito proposto por Choay e Merlin (1988) e a palavra "**revitalização**" como afirma Del Rio (1994) e Simões Jr. (1994). Assim, a intervenção em um edifício é capaz de desencadear uma série de processos de valorização do ambiente urbano onde está inserido. Um desses fenômenos consiste na **gentrificação**, onde a supervalorização da área requalificada culmina na substituição do perfil socioeconômico das pessoas que a frequentam.



**5**

**O PROCESSO INICIAL**

## 5. O Processo Inicial do Projeto

### 5.1. Da vontade de Trabalhar com Patrimônio

Trabalhar com Patrimônio foi a primeira vontade manifestada no decorrer desse trabalho. E escolha dessa temática surgiu inicialmente por motivos afetivos, mas o afeto não elimina sua importância como fomentador da identidade para uma determinada parcela da população e as possibilidades criativas que o patrimônio histórico possibilita ao arquiteto.

Toda criação tem suas origens nas tradições culturais, porém se desenvolve plenamente em contato com outras. Esta é a razão pela qual o patrimônio, em todas as suas formas, deve ser preservado, valorizado e transmitido às futuras gerações como testemunho da experiência e das aspirações humanas, com o intuito de nutrir a criatividade em toda sua diversidade e promover um verdadeiro diálogo entre culturas (UNESCO).

Não se pode mais trabalhar com a hipótese de sempre construir o novo. As cidades precisam de seus edifícios como testemunho de sua memória. Também não há motivo para manter antigos usos que não têm mais razão de existir. As cidades são feitas por pessoas, que ao se reinventarem modificam todo o espaço ao redor. Assim, é extremamente necessária a preparação do arquiteto para se lidar com o desafio de implantar um novo programa em um edifício antigo.

### 5.2. Da vontade de trabalhar com o tema

A vontade de intervir em um edifício existente deve ser atrelada a um tema. Afinal, o restauro não tem razão de ser se não for proposto um uso coerente à edificação.

É impossível atualmente dissociar a questão patrimonial do turismo. Assim, foi natural pensar em um equipamento que atuasse como um pólo de atração turística.

Porém, a perspectiva do turismo é limitada em Fortaleza. Ainda é muito sujeito à sazonalidade e voltado muito mais para o usufruto das belezas naturais e do lazer noturno. Como Centros Culturais e museus constituem um programa que se prestam muito a edifícios antigos, pensou-se nessa possibilidade. Mas ao analisar a cidade de Fortaleza, é impossível não esbarrar no fato de que esses centros são muito mal aproveitados, pouco valorizados quanto à sua função primordial, que é disseminar a cultura (vide Dragão do Mar, o maior exemplo) e mal distribuídos territorialmente. Assim, buscou-se um programa que conferisse a sustentabilidade de um edifício histórico sem depender dessa questão.

O programa não poderia gerar grandes danos e conflitos à sua integridade. Ao mesmo tempo, deveria conferir

vida em espaços até então pouco aproveitados. Assim, pensou-se em um tema utilizado pelas pessoas de maneira tranqüila e continua.

Diante dessa questão, a possibilidade de criar um centro de terapia surgiu como uma ótima possibilidade. Não uma terapia qualquer, que lidasse com sérias doenças corporais, mas uma terapia de dimensão psicológica, um ambiente que respira paz e tranqüilidade, e que ao mesmo tempo possibilita um uso efetivo ao edifício.

Porém, clínicas psicológicas e psiquiátricas existem em grande quantidade. O novo equipamento tinha que ter um diferencial, que consolidasse ainda mais a importância do uso. A Dinâmica Grupal surgiu como uma possibilidade, já que é um tema que ganha cada vez mais importância. A ausência de espaços diretamente voltados para tal tema faz com que o uso se justifique. Aplicado pontualmente em clínicas e estudado em universidades, sua aplicação e disseminação é atualmente feita de maneira espalhada. Trata-se assim de um programa inédito, que concentraria e organizaria os estudos em torno da grupalidade humana.

### **5.3. Da Escolha do Bairro**

Neste trabalho, levou-se em consideração o fato de que da mesma forma que o edifício afeta o bairro, o bairro afeta o edifício. Como o projeto busca apresentar questões peculiares, como a vontade de trabalhar com patrimônio além do programa de necessidades propriamente dito, a escolha do bairro onde será inserido tornou-se uma tarefa de extrema importância.

Optou-se por localizar o equipamento proposto no Bairro da Praia de Iracema. A escolha baseou-se em uma série de critérios envolvendo fatores históricos, físico-espaciais e sócio-econômicos, destacando-o de outras opções pensadas ao longo da trajetória desse trabalho, como o Centro, Aldeota, Jacarecanga e Benfica.

O fator histórico entra com a questão do patrimônio. Assim, sentiu-se a necessidade de intervir em um bairro tradicional da cidade de Fortaleza, com edificações históricas vazias e ameaçadas de destruição. A Praia de Iracema está inserida na memória afetiva da população, e a cada dia que passa seus registros memoriais, que são seus edifícios, vão se perdendo, tornando a revitalização uma necessidade urgente para barrar esse processo. Um equipamento como esse poderia conferir uma maior vida ao bairro, sem descaracterizar sua paisagem.

Quanto ao fator físico-espacial, o bairro possui em sua zona de galpões amplos quarteirões que se prestariam à acomodação de um equipamento desse porte. Com a dimensão do reuso de edificações em jogo, vale salientar que os galpões adaptam-se com facilidade a um novo uso devido à simplicidade de suas formas e seus amplos espaços e pés-direitos. Outro fator é a possibilidade de junção de galpões e de remoção de alguns exemplares com o intuito de promover uma nova configuração na quadra.

Suas ruas nas proximidades do Dragão do Mar apresentam conflitos de tráfego, porém é algo pontual, que afeta a zona somente à noite, fruto da monofuncionalidade de usos. A Praia de Iracema não apresenta a forte saturação no tráfego como nos bairros da Aldeota e do Centro. O bairro, apesar de apresentar problemas, possui uma infra-estrutura e um sistema viário em melhores condições se comparado com alguns outros bairros. Localizado na zona central de Fortaleza, é de fácil acesso tanto para quem vem do Leste como do Oeste da Cidade.

Quanto ao uso do espaço, este equipamento exerceria uma função vital ao bairro, que é a quebra da monofuncionalidade. O edifício seria capaz de abrigar funções de manhã, de tarde e de noite, e o fluxo seria sempre contínuo, visto que seu espaço é local para o trabalho e para o tratamento de várias pessoas.

Como a Dinâmica Grupal será muito aplicada a grupos vindos de empresas, é fundamental que sua localização se desse em uma zona próxima ao coração financeiro da cidade. Com base nisso, entraram em questão os critérios socioeconômicos. Como o próprio Instituto configura-se como uma empresa privada, e seu financiamento será possibilitado pelo público que usa dos seus serviços, é essencial sua proximidade da moradia da maioria dos usuários.

#### **5.4. Da Escolha do Edifício**

Com a delimitação do bairro, partiu-se para a escolha do edifício, balizada pelos seguintes critérios:

- 1.O edifício deve ter tido um papel relevante para a história do Estado, justificando sua importância histórica.
- 2.A arquitetura deve apresentar elementos que evocam sua qualidade física e espacial.
- 3.O edifício deve apresentar amplos espaços, para permitir uma melhor adaptação ao novo programa proposto.
- 4.A implantação do programa deve permitir a requalificação não só do edifício, mas do seu entorno.

Com base nesses aspectos, optou-se por escolher o conjunto da Casa Boris, localizado na parte oriental da quadra vizinha ao Centro Cultural Dragão do Mar, com suas frentes voltadas para três vias: a Rua Boris, a Rua José Avelino e a Avenida Pessoa Anta. Trata-se de uma obra intrinsecamente ligada à evolução urbana da cidade, devido à sua forte ligação com a história socioeconômica e política de Fortaleza.

Atualmente, o imóvel está passível de tombamento e apesar de estar em uso, encontra-se escondido na

paisagem graças à imponência do Centro cultural Dragão do Mar. Edifícios de importância são localizados em seu entorno imediato, como a Biblioteca Pública Menezes Pimentel, a antiga Alfândega (atual Caixa Econômica), a Sefaz, o antigo Centro de Exportadores e o edifício da Booth and Company. A massa edificada que liga esse conjunto de relevância é composta por galpões parcialmente destruídos e descaracterizados, ocupados atualmente por usos degradantes, como oficinas mecânicas, comércio, bares e cortiços, justificando assim a reabilitação urbana da área.



## 6. Caracterização do Bairro

### 6.1. Histórico e Caracterização

Fortaleza nasceu de um pequeno povoado litorâneo fundado pelos holandeses em 1649. Inexpressivo por séculos, só veio ganhar o status de principal núcleo urbano da cidade a partir de meados do século XIX (GONDIM, 2000).

Desde esse período, pode-se constatar a divisão da cidade de Fortaleza em dois núcleos: o Centro e a Praia. A faixa litorânea era bastante isolada do restante da cidade. Sua ligação com a zona central se dava através da Rua da Alfândega e da Rua da Praia. Posteriormente, foi construída uma linha de bonde e um ramal ferroviário. (COSTA, 2003).

A ocupação da região em que se insere a Praia de Iracema remonta ao início do século XIX, quando já se registra a presença de algumas edificações após a margem direita do Rio Pajeú, até então limite leste da pequena Vila de Fortaleza (Schramm, 2001, p. 31).

O núcleo de praia transformou-se na atual Praia de Iracema. Trata-se de um bairro pequeno, com seu desenvolvimento atrelado ao uso do mar, tanto como porto como balneário. Essa diversidade culminou em diversas configurações sócio-espaciais em seu exíguo território. Pode-se dividi-lo em três subáreas. Primeiramente, há a zona praiana, que engloba a imagem tradicional do bairro, depois há a zona vinculada ao antigo porto, próxima ao Centro da cidade e por fim, há a Zona Residencial nas periferias do bairro.

Sob a denominação Praia de Iracema, define-se um território com área de aproximadamente 40 hectares, situado entre o Centro e o Meireles. O bairro nasce na faixa de praia que lhe empresta o nome e finda na Avenida Monsenhor Tabosa, sendo delimitado, a Oeste, pelas ruas Senador Almino e Cariris e, a leste, pela Rua João Cordeiro. Essas fronteiras são permeáveis, pois as quadras que ficam em suas imediações integram-se, de formas diversas, à vida do bairro (...). Esses limites foram informalmente ampliados após a instalação, em 1998, do centro dragão do Mar de Arte e Cultura na área outrora denominada Prainha. (Schramm, pg 59).

Além dessas diversas configurações, seu espaço acumula registros da evolução histórica da cidade. Localizado na vizinhança com o Centro da cidade, foi um dos primeiros vetores de expansão ao Leste. Possui um patrimônio com considerável valor de conjunto, apesar de poucos exemplares com reconhecido valor individual. Ao longo da história, sofreu momentos de valorização e estagnação.

Inicialmente, o espaço era ocupado por uma comunidade de pescadores. No século XIX, já existiam núcleos de povoamento, como registra a "Planta Exacta" de Adolfo Hebbster. Com o passar do tempo, podia-se distinguir dois núcleos de povoamento: a área conhecida como Prainha e a porção litorânea do bairro, conhecida como Praia do Peixe.

Sua ocupação efetiva foi condicionada pela afirmação da cidade como entreposto comercial, de onde se exportava o algodão, o café, o couro e a cera de carnaúba. Devido à sua proximidade com o antigo porto, foram instaladas benfeitorias que serviriam de suporte às atividades portuárias. Essas instalações consistiam na Ponte dos Ingleses (Ponte velha), na Ponte da Alfândega (Ponte Metálica), no ramal ferroviário e em diversos armazéns e instalações comerciais, construídos entre a praia e o Seminário da Prainha.

Nesta época a cidade crescia de costas para o mar, que antigamente era utilizado apenas para atividades pesqueiras, portuárias ou depósito de lixo. Assim, a orla marítima era isolada através de barreiras, no caso, o Passeio Publico (que o considerava apenas como paisagem), a Santa Casa de Misericórdia, a Alfândega, a Penitenciaria e a Estação Ferroviária, cuja linha férrea prejudica o potencial paisagístico. O espaço ligado ao mar era ocupado por não apenas por instalações de apoio ao Porto, mas também pelo Arraial Moura Brasil e por serviços insalubres, como o Gasômetro e a rampa de lixo. Não havia a procura para banhos. (Schramm, 2001).

Durante os anos iniciais da Republica foi almejado o progresso e a modernização do meio urbano favorecida pelas classes dirigentes. Em diversas cidades do Brasil, foram elaboradas mudanças urbanísticas que geraram um processo de segregação sócio-espacial. Em Fortaleza, não foi diferente. Ávida pela modernidade, a cidade também passou por profundas transformações durante o período.

Em meados dos anos 10, surgiu a descoberta da praia por parte das elites, reflexo do que acontecia na Europa desde os primeiros anos do século XIX. O mar passa a ser espaço para banhos e contemplações, combinando com a atmosfera romântica na época. Com o novo uso, a antiga e humilde Praia do Peixe, utilizada predominantemente pelos pescadores, mudou de denominação ao adotar a alcunha de Praia de Iracema na década de 1920. Houve a inauguração do efetivo uso das praias de Fortaleza. Nos anos 20, era utilizado como balneário pelas famílias abastadas da cidade. Na beira da praia, localizavam-se os palacetes dessas famílias.

A ocupação pelas famílias foi favorecida com a descentralização do uso habitacional na cidade estimulada pela expansão das linhas de bonde, com a saída dos setores abonados para bairros como Benfica, Jacarecanga e posteriormente, a Aldeota. A Praia de Iracema era a preferida para a construção de casas para férias.

Algumas famílias de pescadores que antigamente moravam por ali saíram em direção à encosta ao Sul da Avenida Historiador Raimundo Girão. Mas muitos ainda permaneceram por lá, gerando o convívio dos três usos: portuário, pesqueiro e balneário.

Além dos palacetes, foram construídos na orla durante as primeiras décadas do século XX clubes, restaurantes, a Igreja de São Pedro, o "cassino dos americanos" na Vila Morena, atual Estoril e hotéis.

Desde essa época, era discutida a mudança do Porto para a região do Mucuripe. A transferência se deu nos anos 1940, provocando diversas mudanças. A alteração do fluxo das marés devido a erros na construção do novo porto provocou a destruição da faixa de praia, alterando o uso. Foram destruídos também palacetes e os armazéns foram esvaziados. A zona dos armazéns perdeu sua importância e permaneceu estagnada por um bom tempo, já que seus edifícios perderam a utilidade.

A partir desta época, surgiu a favela do Poço da Draga, oriunda de uma pequena bacia de águas estagnadas gerada pelas alterações advindas do novo porto e a ocupação da zona próxima à Avenida Historiador Raimundo Girão por edifícios habitacionais de classe média. Um estaleiro (INACE) foi construído nas proximidades, gerando uma barreira ainda maior ao mar. A zona dos galpões, diante do abandono, foi ocupada por prostíbulos e cortiços. A região mais próxima à praia passou a ser descoberta por boêmios. Com o passar dos anos, o local tornou-se o ambiente preferido dos intelectuais.

Após anos mantendo seu caráter bucólico, o bairro assistiu a uma mudança do perfil sócio-econômico e físico-territorial nos anos 80. Assim, a Praia de Iracema transformou-se em uma zona marcada pelo turismo desenfreado e pelo lazer noturno, na região próxima à orla marítima. A mudança foi encorajada por ações governamentais. Além de uma série de obras elaboradas pela Prefeitura e pelo Governo do Estado com o intuito de consolidar a faixa litorânea como o principal pólo de lazer da cidade (COSTA, 2003), uma nova legislação urbanística foi proposta para a área. Na faixa de praia, classificada como ZE-7 pela lei nº 5122-A em 1979, foram permitidos os mesmos índices da Avenida Beira Mar, permitindo a vinda dos especuladores imobiliários e a construção de edifícios com grande gabarito (Schramm, 2001). Na avenida, edifícios com alto gabarito substituíram rapidamente os restaurantes, provocando a transferência do pólo gastronômico para a Praia de Iracema e para a Varjota.

A partir de 1979, a nova legislação urbanística municipal favoreceu a verticalização de algumas áreas de Fortaleza, resultando na alta valorização dos terrenos lindeiros àquela avenida e provocando uma nova ocupação, principalmente por hotéis e condomínios de luxo. A presença desses novos empreendimentos, construídos a partir de propostas arquitetônicas que não previam a utilização do pavimento térreo por outras atividades, concorreu, também, para a migração de muitos empresários do setor gastronômico para a Varjota e Praia de Iracema (Schramm, 2001, p. 49).

A especulação imobiliária garantiu a destruição de parte do casario remanescente. Na praia, diversos bares eram abertos. Usos degradantes, que geravam a poluição sonora, visual, violência, sujeira e prostituição geraram protestos por parte de antigos moradores. Nessa época, o bairro passou a ser palco de uma disputa política entre grupos dominantes e rivais, que ocupavam a Prefeitura e o Governo do Estado. A consequência foi a implantação de intervenções urbanísticas desconexas, criadas para a valorização do turismo. Através da Prefeitura, houve a consolidação do lazer noturno, com a construção do calçadão da orla marítima em 1994. A zona dos galpões continuou à margem desse desenvolvimento, quadro presente até a construção do Centro Cultural Dragão do Mar, intervenção financiada pelo Governo do Estado.

Além do Centro Cultural Dragão do Mar, outros projetos de natureza polêmica foram designados para a área. Alguns galpões foram contemplados pelo projeto Cores da Cidade, ganhando um novo tratamento epidérmico. Em 2000, foi realizado um aterro com 100m de largura e 1 km de extensão na porção leste do bairro. Também foi elaborado o projeto do centro Multifuncional de feiras e eventos patrocinado pelo Governo do Estado, que pretende realizar um aterro para abrigar edifícios voltados para convenções, exposições e lojas. O projeto prevê também a relocação das famílias do Poço da Draga nas proximidades. Ambicioso, ainda não foi executado. Tais projetos tentam consolidar uma nova imagem da cidade, já que fazem uso do Marketing Político e do City Marketing.

Atualmente, a zona praiana que consolidou a imagem do bairro apresenta-se cada vez mais esvaziada. Se o uso diurno não foi estimulado nos últimos anos, o uso noturno apresenta sinais de estagnação. Com a violência e o prostiturismo, muitos bares e restaurantes foram perdendo a clientela, indo à falência. O calçadão e a Ponte Metálica apresentam fortes sinais de abandono. Nas edificações, prevalece o alegórico sobre o real, numa tentativa de criar uma memória artificial (Schramm, 2001).

A favela do Poço da Draga subsiste firme e forte. Seus moradores ainda se utilizam da "piscininha", pequena faixa de praia mantida na zona do calçadão. As intervenções no bairro excluíram a população dessa zona, especialmente o Dragão do Mar, que apesar da proximidade, mais intimida do que comunica com os moradores.

A zona dos galpões, que por muitas décadas não se apresentou vital, ganhou uma nova dinâmica com a Construção do Centro Cultural Dragão do Mar. Porém, o movimento limita-se ao próprio Centro, que não soube dinamizar o seu entorno. Além disso, o uso é majoritariamente noturno.

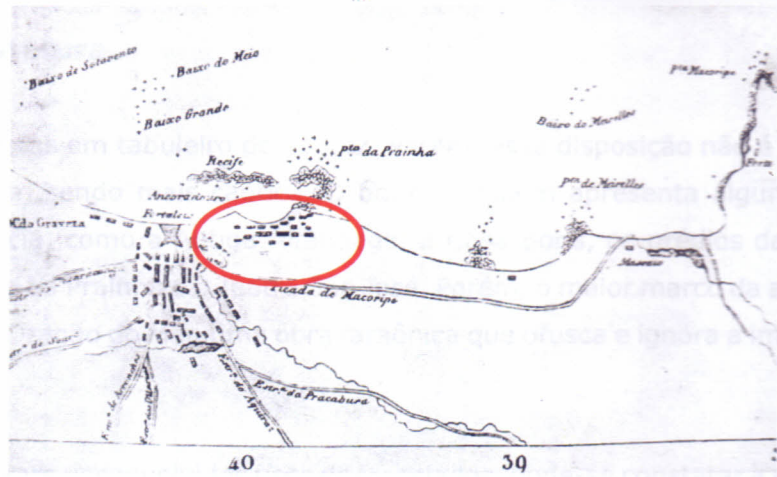


Quarteirão  
onde se insere  
o Conjunto Boris

Trecho da "Planta da cidade de Fortaleza e Sobúrbios" de 1875, por Adolfo Hebbster. O trecho ocupado pela cidade está em negro. A prainha está circundada em vermelho, como retrato da expansão da cidade. (Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza)

6.2. Análise do Espaço e da Arquitetura

Na Praia de Iracema, as ruas são largas e o casario é de baixa altura. No Centro da Cidade, os edifícios são arquitetônicos com relevância histórica. A Biblioteca Pública Municipal responde pela norma de altura.



**Circulado em Vermelho:**  
Casario ao longo  
da atual Rua Pessoa Anta

Acima: Levantamento da Vila de N. S. de Assunção, realizada por José Paulet em 1810 (Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza)  
Abaixo: Edifícios de importância histórica. Marcos no entorno imediato do terreno do projeto.



## 6.2. Análise do Espaço e da Arquitetura.

Na Praia de Iracema, as ruas são dispostas em tabuleiro de xadrez. Porém, essa disposição não é tão rígida como no Centro da Cidade e a Aldeota, sendo mais caótica. O bairro também apresenta alguns marcos arquitetônicos com relevante importância, como a Antiga Alfândega, a Casa Boris, os prédios da Sefaz, a Biblioteca Pública Municipal, o Seminário da Prainha e o Teatro São José. Porém, o maior marco da atualidade responde pelo nome de Centro Cultural Dragão do Mar, uma obra faraônica que ofusca e ignora a importância das demais edificações.

Como o Bairro possui três zonas onde foram desenvolvidos usos diferenciados, pode-se constatar a existência de três configurações urbanas distintas. Na zona praiana, as quadras possuem pequena dimensão, com lotes de testada curta e grande profundidade, ocupados por antigas edificações ecléticas descaracterizadas, ocupadas predominantemente por lojas, bares e restaurantes. Muitas reformas surgiram como reflexo da vontade de simular um passado inexistente, de recriar um falso patrimônio histórico para alimentar o turismo de massas. Há alguns edifícios com alto gabarito, porém há uma predominância de poucos pavimentos por construção. As ruas estreitas conferem um clima bucólico.

Na parte ocupada pelos galpões há uma topografia bastante acentuada. Porém, poucos são os edifícios que aproveitam as visuais geradas pelo desnível, e boa parte deles apresenta-se mais como barreiras, graças ao aspecto fechado e ao alto pé direito, como convém a um armazém. Os lotes são maiores, devido às necessidades de grandes espaços para as atividades portuárias, e os quarteirões também têm maiores dimensões. A ocupação e a disposição dos lotes são extremamente convencionais, não buscando, na maior parte dos casos, adaptar-se por causa da topografia, e pouco difere do que ocorre no Centro da Cidade: edificações alinhadas com o passeio, cujo comprimento avança para o interior da quadra. Boa parte desses edifícios é datada da primeira metade do século XX. Boa parte dos exemplares é bastante austera, seguindo o estilo eclético ou protomoderno sem maiores rebuscamentos. A importância patrimonial desses edifícios reside mais no caráter de conjunto do que no valor arquitetônico de cada um.

Por muitos anos, a zona permaneceu praticamente intacta com a estagnação dos usos, gerada pela transferência do porto ao Mucuripe. As edificações ficaram abandonadas à própria sorte, ficando sujeitas à ação do tempo e da ocupação por alguns bares, algumas galerias de arte e usos degradantes, como prostíbulos e cortiços. Com a revalorização da zona, inúmeros galpões foram ocupados para abrigar estacionamentos, contribuindo ainda mais para a deterioração da arquitetura na área.

A malha urbana apresenta quadras com tamanhos diferenciados. Parte dessa malha ganhou nova configuração com a implantação do Centro Cultural Dragão do Mar, que propõe um rompimento da configuração. Os edifícios adjacentes ao Centro ganharam uma nova roupagem, abrigando em sua maioria

estacionamentos e casas noturnas, e sofreram reformas de alcance epidérmico. Porém, basta avançar algumas quadras de distância em relação ao Dragão do Mar para constatar que a deterioração e o abandono ainda subsistem na área.

Galpões no lado Oeste da zona.



Galpões, cortiços, oficinas na Rua Pessoa Anta



Rua Baturité

Rua José Avelino

Terreno Baldio

Rua José Avelino



Galpões no lado Leste da zona.



Acima: Configuração das edificações do entorno imediato do terreno do projeto.

### 6.3. Legislação

O Plano Diretor de 1992 substituiu a Lei nº5122-A/1979. O bairro foi classificado como Zona Especial Área de Interesse Urbanístico. A regulamentação foi votada em 1995 e dividiu o bairro em três setores:

- Setor 1: revitalização de antigos armazéns e da zona do Poço da Draga. Incentivo aos usos englobando o lazer, a habitação, a cultura e a hotelaria.
- Setor 2: Rua dos Tabajaras e adjacências. Área de preservação.
- Setor 3: Renovação Urbana, ao norte da av. Historiador Raimundo Girão até a rua Idelfonso Albano.

O setor 2, englobando a zona praiana que confere a identidade mais forte ao bairro, foi considerado passível de preservação devido ao seu caráter "tradicional". Porém, há um entendimento superficial sobre o porquê de a área ter esse caráter (Schramm, 2001). Esse setor foi entendido como um grande centro de lazer noturno.

No setor 1, foram permitidas a derrubada dos armazéns para a construção de edifícios com até 16 andares. Desconsiderou-se a importância do conjunto existente edificado no começo do século. Não há também uma definição formal dos termos *renovação* e *revitalização urbana*. (Costa, 2003)

O que se define como "área de revitalização" deveria ser denominado "área de renovação", pois se pretende substituir as definições existentes. (Costa, 2003, pg 100).

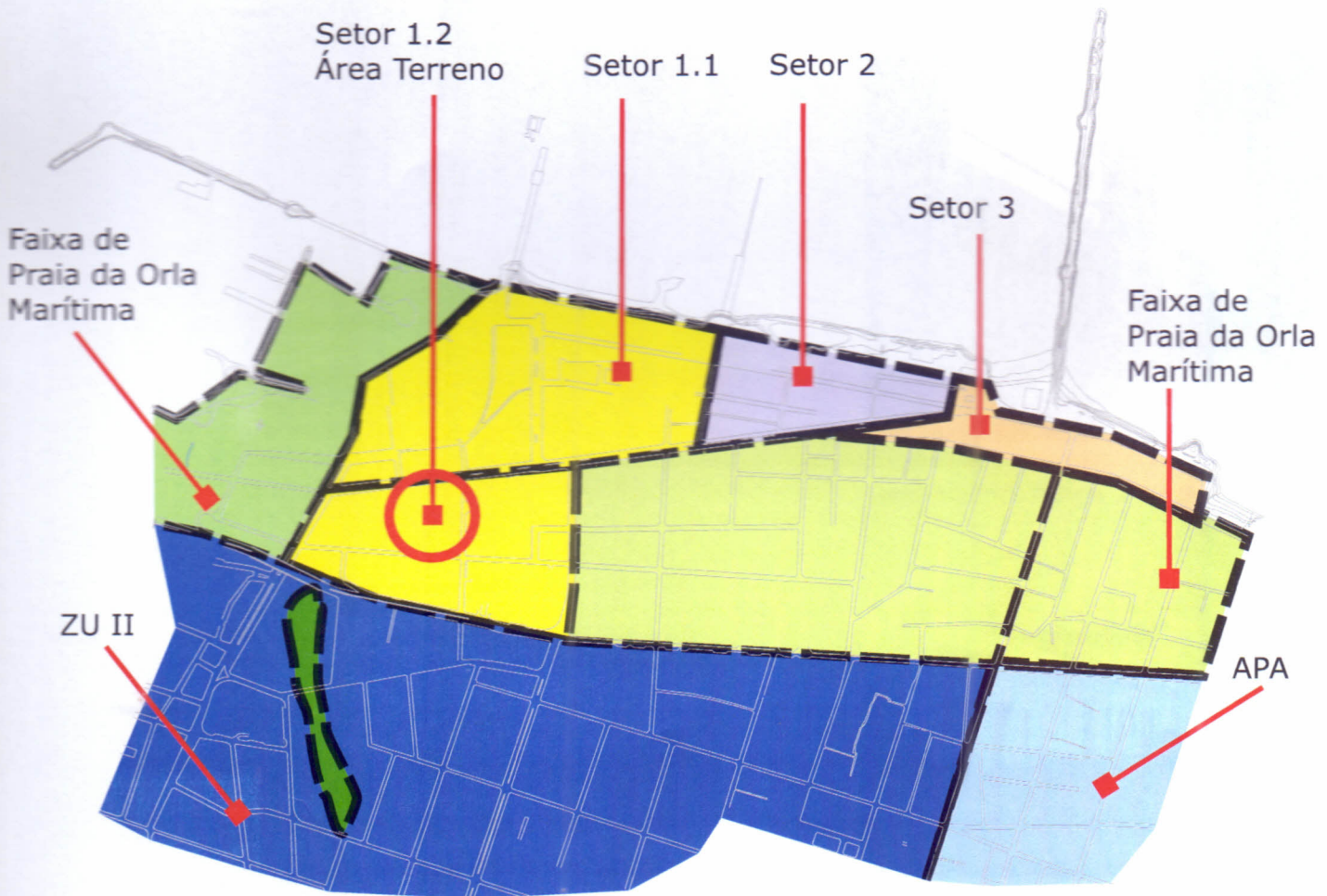
Porém, na época da regulamentação, a zona dos antigos galpões não era afetada pela presença do Centro Cultural Dragão do Mar. Atualmente, aquela zona apresenta condicionantes de intervenção bem diferentes, mesmo subsistindo a presença de armazéns desocupados e degradados.

A legislação previu uma operação urbana consorciada, levando em conta a execução de obras de drenagem e abertura de novas ruas e praças executada pelo município e paga pela iniciativa privada, atitude beneficiada com o aumento do índice de aproveitamento (Schramm, 2001).

Apesar do Dragão e do Projeto Cores da Cidade, poucos edifícios da região são valorizados como bens patrimoniais, categoria onde são enquadrados os edifícios da Alfândega, a Sefaz e a Casa Boris. Seu caráter de sítio histórico foi totalmente desconsiderado, apesar da existência de muitas das características remanescentes do século XIX.

### 6.3.1. O Edifício e a LUOS

Segundo a lei de uso e ocupação do solo de 1996, o edifício está enquadrado como um Serviço de Saúde, visto que realiza terapias médicas e psicológicas. A Luos não permite a execução de um edifício com este uso e amplas dimensões no bairro. Porém, tem-se o entendimento que por tratar de uma dimensão psicológica mais ligada ao cotidiano das pessoas, onde o público alvo é formado por pessoas sem graves distúrbios mentais, preocupadas em atuar nos seus grupos de melhor maneira, o serviço não seria prejudicial ao bairro, muito pelo contrário. Como a Praia de Iracema configura-se como o reduto artístico-intelectual da cidade, o equipamento casa-se perfeitamente com esse aspecto, já que o programa contempla ações de arte-terapia. Além disso, não haveria a geração de lixo hospitalar em excesso, nem de expurgos corporais, como o sangue.



Acima: Mapa Esquemático mostrando a espacialização da legislação no bairro da Praia de Iracema.



7

O EDIFÍCIO

## 7. O Edifício

### 7.1. Localização e Delimitação da Área de Atuação.

O terreno escolhido para tal implantação localiza-se na quadra entre as ruas Pessoa Anta, Boris e José Avelino. Trata-se do terreno pertencente à família Boris, com todo o conjunto de edificações correspondentes a firma Boris Frères e à antiga chácara que servia de residência no início do século XX. Algumas porções de terreno pertencentes a outros proprietários foram utilizadas, como o fundo de quintal de algumas casas e pedaços de edificações que serão desapropriados para a criação de mais vagas de estacionamento e jardins.



1. Foto aérea delimitando o terreno

### 7.2. Histórico

Após os processos de independência política que deram origem às nações latino-americanas, entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, mercados antes monopolizados pelas metrópoles ibéricas abriram-se ao comércio internacional. No contexto do livre comércio, exigido pela expansão do capital industrial na Europa, inúmeras casas comerciais européias inglesas, francesas, e em seguida, alemãs estabeleceram-se em diversos países da América Latina, sobretudo a partir de meados do século XIX. Realizando os negócios de importação de produtos industrializados e exportação de matérias-primas, essas casas foram a forma concreta e inicial da presença do capital estrangeiro no continente enquanto capital mercantil e, por conseguinte, desenvolveram um papel fundamental na Divisão Internacional do Trabalho que então se estruturava. (MONTEIRO, 1998, p.55)

Muitas Casas Comerciais da época eram dirigidas por firmas de estrangeiros. Na segunda década do século XIX, a França ocupou uma relação privilegiada nas relações comerciais brasileiras, ocupando o segundo lugar nas ações de importação e exportação, perdendo apenas para a Inglaterra.

As Casas comerciais caracterizavam-se por ter uma matriz no país de origem e uma filial em um ou mais países latino-americanos. Eram situadas em cidades portuárias, principalmente nas de maior importância, como Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Fortaleza na época possuía a escala de uma aldeia, mas mesmo assim, abrigou algumas Casas, motivadas pela expansão da produção algodoeira, como a Benoit Levy & Dreyfuss, Levy Frères, Reishofer Frère, Clement Levy e Felix Liabastres, todas propriedade de franceses.

A Casa Boris Frères, objeto de estudo deste trabalho, ocupou posição de destaque entre as Casas Comerciais na cidade. Fundada em 1869 pelos irmãos franceses judeus Alphonse e Theodore Boris (num primeiro momento, como firma Theodore Boris e irmão), exerceu papel de suma importância até os anos 1930, permitindo a integração do Ceará com o mercado internacional, fornecendo matérias primas e importando manufaturas francesas, envolvendo-se nos mais diversos ramos e competindo com grandes empresas, superando-as graças à sua estrutura organizacional e ganhando importância nacional.

O desenvolvimento da Casa Boris confunde-se com o crescimento da cidade e sua transformação de pequeno núcleo para uma grande metrópole. Além de exportar produtos cearenses, foi responsável pela importação de tecidos, roupas, perfumarias, artigos de decoração, mobílias, papelaria e material para escritório, maquinaria, material fixo e rodante de estradas de ferro, cimento, carvão, madeira de obras, gêneros alimentícios e estruturas de ferro fundido, que foram utilizadas na construção do Theatro José de Alencar em 1910. Outras atividades produtivas foram exercidas, como a Agência de Seguros e Navegação, Afretamentos com sessões de estivadores, Fábricas de móveis e crepagem de borracha, além de prensas de algodão.

Com as Secas periódicas, a Casa Boris fortaleceu-se a ponto de encontrar poder para especular com as mercadorias e impor preços. Seu interesse casava-se com as vontades das oligarquias rurais, o que possibilitou poder político aos seus dirigentes. Com o envolvimento político, a Casa consolidou-se ainda mais no panorama econômico da cidade e possibilitou sua inserção na Divisão Internacional do Trabalho.

A família Boris chegou até a representar os interesses consulares da França na província do Ceará desde 1884 até 1977 (com um breve hiato entre 1925 e 1928). Os responsáveis pelo consulado cuidavam da avaliação de toda a movimentação comercial entre Brasil e França, com o intuito de avaliar a capacidade do Brasil como mercado consumidor dos produtos franceses.

A primeira sede da empresa localizava-se na Rua Major Facundo. Porém, a firma foi sediada posteriormente durante décadas em uma edificação que atualmente é centenária, um exemplar eclético situado no entorno imediato do Centro Cultural Dragão do Mar. Sua arquitetura tenta evocar a vontade de beleza de uma cidade em estado de modernização. A imponente chácara da família estava localizada no terreno ao lado.

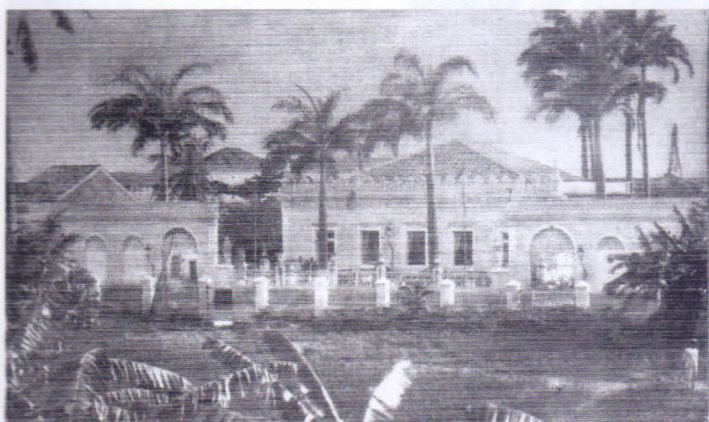
Sua torre era uma das mais altas edificações da cidade na época. Tal dimensão conferia um enorme status numa cidade marcada por edificações horizontais. O aspecto da edificação era fruto da vontade de se impor. Sua localização era estratégica, próxima à antiga Alfândega e à Secretaria da Fazenda.

Ao longo do século XX, o edifício foi resistindo à paulatina degradação do entorno. A firma perdeu seu esplendor do passado, e seus edifícios foram alugados a outros proprietários, que não se preocupavam muito com a integridade física do conjunto. Vale salientar que sua fachada mais imponente, a da rua Boris, permanece praticamente intacta, e sofreu intervenção do projeto Cores da Cidade.

### 7.3 Fotografias Antigas do Conjunto



1



2



3



4



5

#### Legenda:

1. Esquina Rua Boris com Rua Pessoa Anta (Provavelmente 1908).Cartão Portal cedido por Gerahrd Boris.

2. Chácara que serviu de residência para a família Boris.Fonte: Arquivo Nirez.

3. Vista do Entorno, destacando o edifício atualmente pertencente à Secretaria da Fazenda e o casario da Rua Baturité.Fonte: Arquivo Nirez.

4. Vista da antiga residência do engenheiro inglês conhecido como Mr. Hull, destacando o edifício da Alfândega ao fundo e o Conjunto Boris à esquerda. Fonte: Arquivo Nirez.

5. Vista ao longe das Ruas Boris e José Avelino.Fonte: Arquivo Nirez.

Obs.: Não se sabe a data das fotos de 2 a 5. São provavelmente das três primeiras décadas do séc XX.

### 7.3 Fotografias Antigas do Conjunto



#### Legenda:

1. Foto Panorâmica Rua Boris com Rua José Avelino.

2. Vista ao longe do Outeiro da Prainha. A torre da Casa Boris está circulado em vermelho.

3. Vista da cobertura do edifício e do jardim interno. Foto tirada de cima da torrinha (ver sombra projetada).

4. Vista da casa Boris à esquerda. Edifício entre as Ruas Boris e José Avelino em construção.

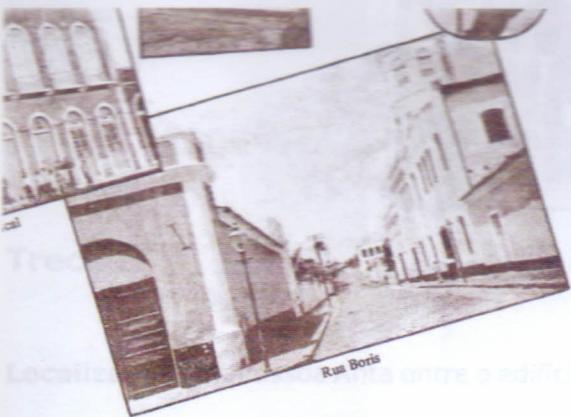
Obs.: Não se sabe a data das fotos apresentadas. São provavelmente das três primeiras décadas do séc XX.

### 7.3 Fotografias Antigas do Conjunto

Trata-se de um edifício fragmentado com seus diversos estilos, construídos em difere



mesmo se apresenta bastante heterogêneo.



**Legenda:**

1. Diversas vistas do edifício nos anos 90.
2. Foto tirada para o livro "Centro Histórico de Fortaleza", por Maurício Cals. Em 2002.
3. Vista do projeto Cores da Cidade nas fachadas do conjunto (Fonte: [www.ofipro.com.br](http://www.ofipro.com.br)).
4. Foto do Album "Fortaleza 1910", mostrando a rua Boris.
5. Foto do livro "Fortaleza de Ontem e de Hoje", pelo pesquisador Nirez. A foto à esquerda é de 1908, a da direita é de 1990.

## 7.4. Análise do Estado Atual do Edifício

Trata-se de um edifício fragmentado com seus diversos galpões, construídos em diferentes épocas.

A austeridade da arquitetura se dá pelo fato do edifício ser um exemplar da arquitetura portuária. Porém, a presença de alguns elementos na fachada voltada para a Rua Boris, como platibandas, cornijas, ornamentos ecléticos, vergas em arco, indicam a vontade de demonstrar a pujança da firma no início do século.

Neste trabalho, será feita uma análise trecho a trecho do conjunto (de acordo com a figura abaixo), visto que o mesmo se apresenta bastante heterogêneo.



### Trecho 1

**Localização:** Av. Pessoa Anta entre o edifício da Booth and Company e o Trecho 2.

**Data de construção:** Não se tem informações.

**Comparação com o conjunto:** Bastante Heterogêneo.

**Ocupação Antiga:** Imóveis pertencentes à família Boris.

**Ocupação Atual:** Fragmentado em diversos usos, como oficinas mecânicas e espaços para alugar.

**Configuração Espacial:** Bastante heterogêneo, não se achou antigos registros dessas edificações, com exceção da cobertura, que evidenciavam que o conjunto era um corpo só que se prolongava até o edifício da

Booth and Company. Atualmente, há a fragmentação em diversos lotes.

Ocupação Atual: Depósito

**Situação Atual Fachada:** Heterogêneas, descaracterizadas, degradadas. Possuem um pavimento.

Configuração Especial: Não

basante simples, com



1



2



3



4



5



6

Legenda fotos: (1)Foto aérea trecho (2) a (6)Fragmentação do conjunto em 5 edificações diferentes, como oficinas e restaurante.

## Trecho 2

**Localização:** Rua Pessoa Anta com Rua Boris

**Data de construção:** Não há uma data precisa, mas fotos evidenciam que esta edificação foi uma das primeiras que surgiu na área, no século XIX.

**Comparação com o conjunto:** Antigamente uma simples construção beira e bica. Posteriormente, uma platibanda e falsas bandeirolas foram incorporadas para padronizar sua linguagem com a do restante do conjunto.

Ocupação Antiga: Saneamento

**Ocupação Antiga:** Atividades ligadas à firma Boris Frères.

**Ocupação Atual:** Depósito para o Centro Cultural dragão do Mar

**Configuração Espacial:** Não foi possível visitá-lo internamente, mas supõe-se que sua configuração seja bastante simples, com o interior livre.

**Situação Atual Fachada:** Pintada em tons de verde com frisos brancos, sem muitos adornos

**Situação Atual Teto e Cobertura:** Telha colonial antiga com três águas, escondida pela platibanda.

**Situação Atual Esquadrias:** Seis portas de madeira com duas folhas pintadas em azul, com o aspecto semelhante ao do trecho 5. Antigamente havia menos aberturas.



1



2



3

Legenda fotos: (1)Foto aérea trecho (2) Vista telhado e platibanda (3)Fachada no trecho preservado.

### Trecho 3

**Localização:** Rua Boris

**Data de construção:** Não se sabe a data precisa, mas há dados que a edificação tenha sido iniciada em 1888 (CALS).

**Comparação com o conjunto:** A zona mais imponente e significativa do conjunto, apesar de não possuir detalhes tão rebuscados como o trecho 6, construído numa fase posterior.

**Ocupação Antiga:** Sede principal da firma Boris Frères

**Ocupação Atual:** O seu pavimento térreo é ocupado pela Boris Frères e por um estacionamento. Seus pavimentos superiores estão alugados para uma empresa de informática.

**Configuração Espacial:** A configuração pouco sofreu modificações ao longo dos anos. O térreo é dividido em dois grandes ambientes, atualmente utilizados como estacionamento, e em um ambiente menor entre esses dois, utilizado como hall de entrada para a escada que dá acesso aos pavimentos superiores. Esse acesso central foi criado em uma data posterior, numa data que não se sabe precisar, sendo que a porta foi aproveitada de uma janela, como mostra uma antiga figura. A escada do hall de entrada sempre existiu, mas seu acesso era dado pela porta do lado mais afastado da av. Pessoa Anta.

O segundo pavimento é ocupado por uma empresa de informática, sendo que as divisões internas em pequenos ambientes é algo bem recente, já que foram feitas com divisórias. A parte do piso em soalho de madeira (que fica em cima da garagem mais próxima da Av. Pessoa Anta) sempre esteve lá desde os primórdios. Já a parte com piso de concreto (que fica em cima da garagem mais afastada da av. Pessoa Anta) é mais recente. Segundo relatos do senhor Gerahrd Boris, atual dono do edifício, aquela parte antigamente possuía o pé direito duplo, ou seja, o piso em concreto é uma intervenção que não substituiu um piso mais antigo. As janelas da fachada tinham razão de ser por ali havia uma passarela colada à fachada.

A cereja do bolo do edifício é a sua torrinha, acessível por duas escadas helicoidais metálicas. Na torrinha, há três pavimentos, sendo que o último é constituído por um mirante.

**Situação Atual Fachada:** Apesar de sempre haver uma leitura do trecho 2 como um conjunto unitário, reflexo das funções internas compartilhadas, da cor uniforme e da padronização de esquadrias, pode-se notar com um olhar mais apurado a distinção do conjunto em dois. Um é demarcado com linhas verticais em toda a extensão da fachada e com um frontão acompanhando o movimento do telado em duas águas. Por fim, há o arremate fornecido pela torrinha. Já o outro possui um friso horizontal e uma platibanda.

A fachada, antigamente em tons de branco, já foi inteiramente cinza. Nos anos 90, foi por algum tempo cinza com frisos brancos na parte mais próxima da av. Pessoa Anta e amarela na zona mais afastada desta avenida. Atualmente, a cor do trecho é toda uniforme: cinza com frisos brancos. Encontra-se em bom estado.

**Situação Atual Piso:** No pavimento térreo, o piso é em cimento queimado. No superior, uma parte é dotada com piso de taboas corridas, bem conservado, e por cerâmica, na parte com laje em concreto. Na zona da torrinha, um dos níveis possui piso em madeira, em péssimas condições, e os outros dois superiores são em concreto, aplicado em momentos posteriores. A torrinha apresenta ampla degradação.

**Situação Atual Teto e Cobertura:** Os tetos do conjunto são reflexo dos pisos dos pavimentos superiores. O teto da zona da garagem é formado por uma estrutura de madeira em uma parte. Enquanto piso do pavimento superior, ela apresenta-se em bom estado. Porém, como teto, é visível a degradação. A madeira ainda é pintada com tinta branca. Em outra parte, o teto é formado por uma laje em concreto, e foi criado um pilar no meio do ambiente para ajudar na sustentação.

No pavimento superior, o teto é de madeira na parte da torrinha e de PVC no restante da edificação. Na zona da torrinha, o teto é de concreto.

A cobertura é de cimento amianto. Em algumas partes, como o topo da torrinha, apresenta elevado estado de degradação.

**Situação Atual Paredes:** Pavimento térreo: Pintada de branco, com algumas manchas de umidade.

Pavimento superior: parede pintada em branco em bom estado de conservação.

Torrinha: Paredes internas em branco, altamente degradadas.

**Situação Atual Esquadrias:** Pavimento Térreo: portas de madeira pintadas em bege e janelas em madeira e vidro, de abrir, protegidas por grades.

Pavimento superior: Janelas de duas folhas com venezianas, madeira e vidro. São todas iguais. Protegidas por grades e pintadas de bege.

Zona torrinha: Pequenas Janelas em madeira e vidro, de abrir. Pintadas também em bege. Estão em um estado razoável de conservação.

A porta do estacionamento da garagem mais afastada da av. Pessoa Anta foi alargada para possibilitar a passagem de carros. Na verdade, houve uma troca. Uma porta que dava para os fundos, por ser mais larga, foi posta no acesso à Rua Boris e a porta de acesso principal foi posta em seu lugar.

Através de fotos antigas, pode-se constatar que certos adornos ao redor das esquadrias foram acrescentados posteriormente, provavelmente na época da construção do trecho 6.



1



2



3



Trecho 4



4



5



6



7

Ocupação Antiga: Amigo Almoço



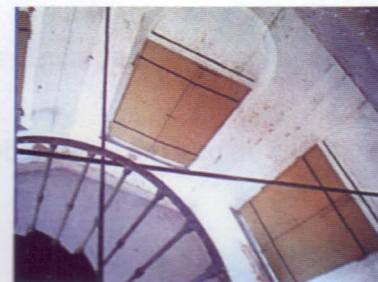
8



9



10



11

Situação Atual Fachada: A única fachada existente para a parte posterior do edifício. Apresenta-se bastante



12



13



14

Legenda fotos: (1)Foto aérea trecho (2)(3) Vista Fachada Trecho (4)Atual estacionamento com estrutura de madeira de importância histórica (5)Estacionamneto com laje em concreto(6)(7) Antiga escada em madeira levando ao segundo pavimento (8)(9)(10)Segundo pavimento, atualmente alugado a uma empresa de informática (11)Vista de dentro da torrinha, laje em concreto (12)Antiga escada helicoidal metálica (13) Interior da torrinha, piso em madeira (14) coberta atual, em cimento-amianto.

## Trecho 4

**Localização:** Miolo do quarteirão, por detrás do conjunto da Rua Boris.

**Data de construção:** Não há informações precisas, porém presume-se que sua construção tenha se dado entre fins do século XIX e início do século XX. Fotos antigas já mostram a existência dessas edificações.

**Comparação com o conjunto:** Por ser palco de serviços menos nobres e por localizar-se ao fundo do conjunto, é uma zona muito mais simples, sem adornos.

**Ocupação Antiga:** Antigo Almoxarifado

**Ocupação Atual:** Estacionamento

**Configuração Espacial:** Provavelmente, tinha dois pavimentos, devido as presença de aberturas no alto e marcas na parede evidenciando tal aspecto.

Atualmente, os vãos são inteiramente livres. A divisão se dá em três grandes ambientes, com alto pé direito, e outro ambiente onde não foi possível efetuar a visita.

Ainda possui antigos equipamentos que serviam à firma nos seus áureos tempos.

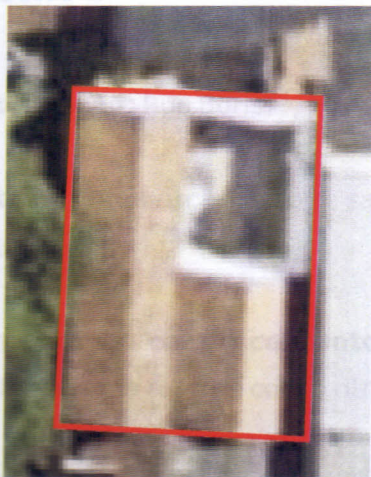
**Situação Atual Fachada:** A única fachada é voltada para a parte posterior do edifício. Apresenta-se bastante simples, apenas com os combogós vinculados à linguagem regional e com a parede branca lisa, extremamente degradada.

**Situação Atual Piso:** Piso de cimento queimado, levemente degradado.

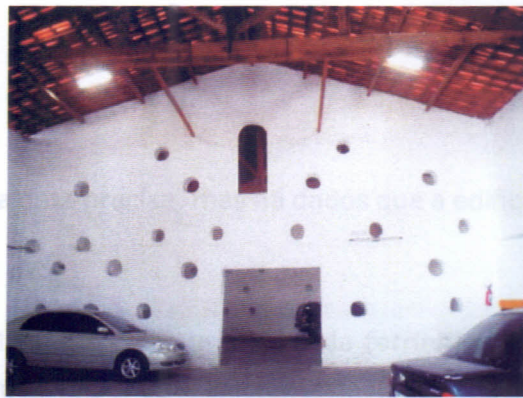
**Situação Atual Teto e Cobertura:** Cobertura em telha colonial. Em duas zonas são visivelmente novas, no galpão mais ao fundo é antiga, com partes em telha de vidro, proporcionando uma melhor iluminação.

**Situação Atual Paredes:** Paredes com aberturas em forma de círculo, garantindo a ventilação cruzada

**Situação Atual Esquadrias:** Praticamente não existem esquadrias. Com exceção de uma rústica porta de madeira trancada e de algumas passagens para estacionamento, todas as aberturas foram fechadas com tijolos em diferentes épocas. A iluminação e ventilação são garantidas pelos combogós e telhas de vidro em um galpão e por buracos nas paredes nos outros dois.



1



2



3



4



5



6



7



8



9

Legenda fotos: (1)Foto aérea trecho (2)Vista espaço estacionamento (3)Vista de trás da atual galeria Tota pelo pátio interno (4)Estacionamento: ligação direta com pátio interno (5) Pátio interno (6)(7)Estacionamento com cobertura e combogós com importância histórica (8) Testemunho do antigo maquinário da firma (9) Fachada combogós vista do bosque.

## Trecho 5

**Localização:** Rua Boris

**Data de construção:** Não se sabe a data precisa, mas há dados que a edificação tenha sido iniciada em 1888 (CALS).

**Comparação com o conjunto:** Mais austero que a zona da torrinha e a zona do SENAC, sua existência conforma uma ruptura com o ritmo mais imponente existente na Rua Boris.

**Ocupação Antiga:** Atividades ligadas à firma Boris Frères.

**Ocupação Atual:** Galeria de arte TOTA

**Configuração Espacial:** O vão livre é livre entrecortado por pilares, que fazem o ambiente parecer menor do que é. Há uma passarela como mezanino, colada à parede da fachada. Nos fundos, há a residência do artista, ocupando dois pavimentos.

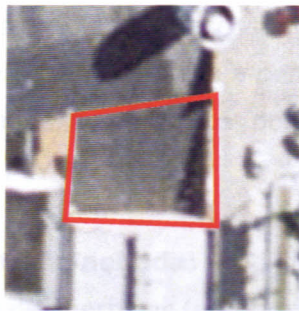
**Situação Atual Fachada:** Fachada com uma porta e duas janelas, com platibanda e letreiro. Atualmente é pintada em laranja, com os frisos em branco. As bandeirolas são vedadas e repetem o padrão do que ocorre no trecho 2 e no trecho 6.

**Situação Atual Piso:** Piso em cimento queimado em boas condições

**Situação Atual Teto e Cobertura:** Cobertura em fibrocimento pintada em branco com tesouras em madeira.

**Situação Atual Paredes:** Paredes em Alvenaria pintadas em branco, em azul e laranja.

**Situação Atual Esquadrias:** As esquadrias resumem-se às três aberturas da fachada, em madeira, existentes desde os primórdios da sua existência. Todas são gradeadas. Aos fundos, há uma grande porta para o pátio coberto e uma abertura gradeada para os fundos do conjunto.



1



2



3



4

Legenda fotos: (1)Foto aérea trecho (2)Vista fachada (3)(4) Fotos do espaço interno.

## Trecho 6

**Localização:** Esquina Rua Boris com Rua José Avelino.

**Data de construção:** Construção mais recente, de 1923 (de acordo com fotos antigas e com a demarcação da fachada, onde há um frontão com a indicação da data).

**Comparação com o conjunto:** Aparência da fachada mais rebuscada

**Ocupação Antiga:** Atividades ligadas à firma Boris Frères.

**Ocupação Atual:** Atualmente ocupado pelo SESC-Senac. Seu espaço é utilizado para oficinas, como a elaboração de mobiliários com garrafas pet e para exposições. Tal atividade degrada de certa forma o ambiente interno do edifício.

**Configuração Espacial:** Possui dois pavimentos. Seu espaço é livre. Aparentemente, seu espaço original não era compartimentado em pequenos cômodos. Atualmente, o primeiro pavimento foi dividido em cubículos,

formando os ambientes necessários para a instituição, como a cozinha e zonas de escritórios. A excessiva compartimentação prejudica a percepção do espaço. Além disso, como muitos dos ambientes fazem uso de ar-condicionado, os ambientes possuem forros, criando um espaço vazio sem uso algum entre a parte forrada e o segundo pavimento.

**Situação Atual Fachada:** O edifício possui duas fachadas: uma voltada para a Rua Boris, com platibanda e demarcação de aberturas (embora nem todas exerçam tal função, pois foram fechadas com alvenaria) e outra voltada para a Rua José Avelino, com um frontão, com a data da construção, uma grande porta central e cinco janelas. A cor da edificação é azul com os frisos brancos.

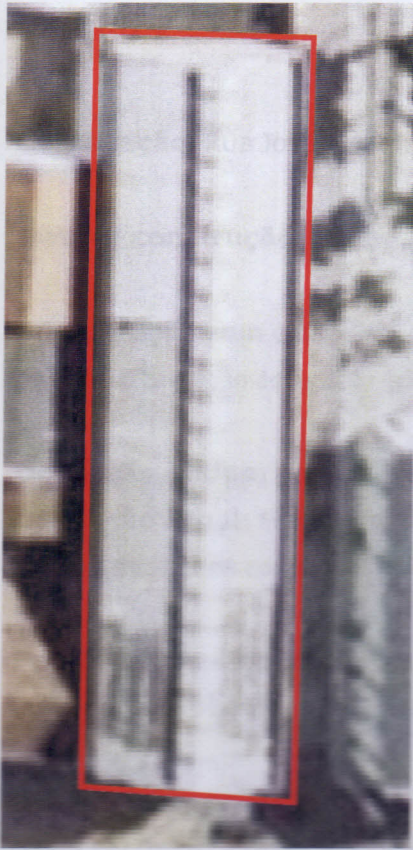
**Situação Atual Piso:** No primeiro pavimento, o piso é em cimento queimado em boas condições. No segundo, o piso é em madeira sustentado por vigas metálicas modernas pintadas em laranja. Encontra-se um pouco degradado, devido ao desgaste do material, ausência de tratamento e manchas de tinta.

**Situação Atual Escada:** Uma grande escada liga os dois pavimentos. Ela possui a estrutura metálica pintada em azul e os degraus em madeira, no mesmo tom que o piso do segundo pavimento. Apesar da linguagem antiga, nota-se que é uma intervenção posterior.

**Situação Atual Teto e Cobertura:** No primeiro pavimento, o teto é formado pela estrutura que sustenta o piso do segundo, ou seja, é configurado pelo piso em madeira sustentado pela estrutura metálica. A zona mais afastada da esquina possui pé direito duplo. Algumas zonas são compartimentadas e possuem forros. O segundo pavimento é coberto por um telhado de fibrocimento de duas águas sustentado por tesouras metálicas sem pintura. Na parte central do telhado há um lanternin, garantindo a exaustão e uma melhor iluminação.

**Situação Atual Paredes:** Paredes em alvenaria de tijolo maciço pintadas de branco na parte interna.

**Situação Atual Esquadrias:** No pavimento inferior, as portas são em madeira com duas folhas, pintadas com esmalte bege. Somente na Rua José Avelino há janelas, também de madeira, com duas folhas e grades também pintadas em bege, além de uma porta metálica de rolo na parte central. Para compor a fachada algumas aberturas são vedadas, mantendo mesmo assim a depressão. Porém, as bandeiras foram mantidas, sendo protegidas apenas por uma grade em ferro bem trabalhada. No pavimento superior, as janelas são em madeira e vidro, com abertura em guilhotina. São igualmente protegidas por grades, pintadas em bege. Para os fundos da edificação, há óculos também gradeados.



1



2



3



4



5



6



7

Legenda fotos: (1)Foto aérea trecho (2)(3)(4)Elementos de fachada do edifício (5)(6) Segundo pavimento como um grande vão livre. Laje em madeira e estrutura metálica (7) Primeiro pavimento e escada. Na época das fotos estava em reformas.

## Trecho 7

**Localização:** Rua José Avelino

**Data de construção:** Não se tem informações.

**Comparação com o conjunto:** Bastante Heterogêneo, nele ficava localizada a antiga chácara dos Boris, cuja descaracterização completa ocorreu há muitos anos.

**Ocupação Antiga:** Antiga Chácara dos Boris

**Ocupação Atual:** Fragmentado em diversos usos. Uma parte é utilizada pelo Centro Cultural Dragão do Mar, casas e Pequenos comércios,

**Configuração Espacial:** Bastante heterogêneo, sendo mais acanhado que o conjunto da Rua Boris, apresenta-se fragmentado em diversos lotes de testada curta e longa profundidade.

O antigo corpo principal da Chácara é atualmente pertencente a uma floricultura. Seus espaços são utilizados como depósito. Ainda há mosaicos e estrutura de paredes e telhados originais, porém em elevado grau de degradação.

**Situação Atual Fachada:** Heterogêneas, descaracterizadas, degradadas. Possuem baixo gabarito.



1



2



3



4

Legenda fotos: (1)Foto aérea trecho (2) Fachada da parte descoberta da chácara. Em ruínas.(3) Fachadas conjunto de edificações do trecho (4) Vista ambiente interno da chácara.



8

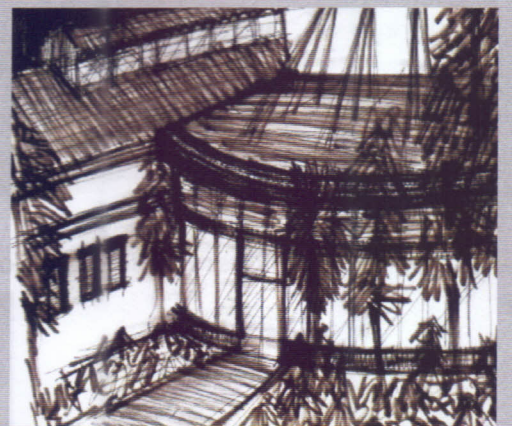
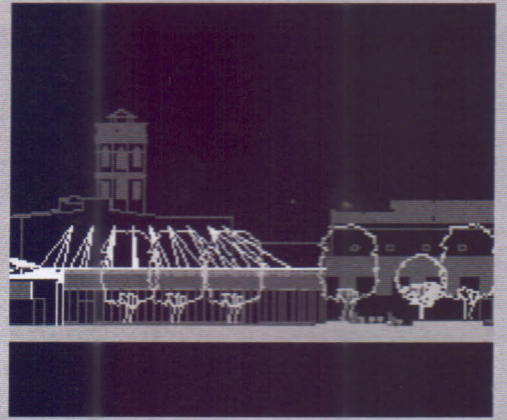
O MOTE

## 8. O Mote: Ligação da Dinâmica Grupal com o Patrimônio Edificado.

Ao longo deste processo, surgiu uma pergunta: Por que fazer o uso deste edifício histórico atrelado à Dinâmica Grupal? Qual é o elo que os une?

Questões simbólicas e funcionais podem esclarecer esta questão. Simbolicamente, tanto o trato com o patrimônio quanto à Dinâmica Grupal são ciências novas, que cresceram ao questionar alguns dogmas do passado. O tratamento crítico de edificações antigas ganhou força não só pelos equívocos dos antigos estudiosos do tema como também pelo questionamento do modo de pensar dos arquitetos que defendiam fervorosamente o movimento moderno em seus aspectos mais dogmáticos e estandardizados, que desconsideravam o valor de muitos estilos do passado e de determinados aspectos culturais de cada lugar ao apregoar uma arquitetura universal. A Dinâmica grupal questionava o individualismo da psicologia e psicanálise, e o totalitarismo coletivo do marxismo (que impedia muitas vezes a presença do indivíduo como ator social). Assim, ela sempre se colocou como uma alternativa de conciliar indivíduo e sociedade de maneira satisfatória.

Funcionalmente, um centro de Dinâmica Grupal exige amplos espaços que permitam o convívio e a terapia de grandes grupos (algo possível em antigos galpões). E um edifício antigo pede um uso que o torne vital sem, no entanto provocar uma degradação excessiva. Um instituto que reúne uma dimensão terapêutica e pedagógica, usos onde se exige uma certa tranqüilidade por parte das pessoas, não geraria grandes danos à integridade física do patrimônio histórico. No caso do conjunto Boris, o uso devolveria uma vitalidade saudável ao edifício. Além disso, como o Instituto trabalha com a dimensão da arte, há a geração de uma coerência com a atmosfera de um bairro conhecido por ser palco de várias manifestações artísticas e pela presença de edifícios institucionais que trabalham com cultura.



9

O PROJETO

## 9.1. Inspiração

### MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Paulo Mendes da Rocha: Intervenções bem marcadas em estrutura metálica, inserção de novos usos em antigos espaços.



### MUSEU RODIN

Fanucci e Ferraz: Diferenciação do novo e do antigo. Horizontalidade do novo, respeitando a escala.



### SESC POMPÉIA

Lina Bo Bardi: Semelhanças de Programa e Tipologia do Edifício (que nesse caso é industrial), austeridade nos espaços sem comprometimento da qualidade.



### RESIDÊNCIA

Eduardo de Almeida: Materiais bem demarcados, contraste entre o tijolo e a estrutura metálica



Projetos envolvendo patrimônio em Fortaleza: Visitados durante o período de criação deste trabalho, estão atualmente em obras ou foram concluídos recentemente. Permitiram na prática a visão de uma série de possibilidades de atuação e de maneiras de cuidar do preexistente. Foram visitados o Hotel Du Nord (futura sede do IAB)(1), Casa José de Alencar(2), Palacete Carvalho Mota (Museu das Secas)(3) e o Sobrado José Lourenço.



1



2



3

## 9.2. Diretrizes Preliminares Condicionadas Pelo Entorno

Durante a concepção deste projeto, levou-se em consideração a relação dos edifícios afetados pelo projeto com a sua circunvizinhança. Foi elaborada toda uma leitura do ambiente urbano. Trata-se de uma antiga ocupação que, estagnada, manteve-se com suas volumetrias e com seus gabaritos antigos, mesmo com a descaracterização das suas fachadas.

Assim, a intervenção buscou atuar pelo signo do respeito. As condições de implantação e os gabaritos preexistentes foram cuidadosamente estudados. Houve a manutenção das edificações relevantes e a demolição daquelas cuja interferência era negativa na qualidade espacial que o projeto pretende atingir. A salvaguarda do edifício garantida pelo uso e as atuações pacíficas determinadas pelo projeto permitem que o conjunto dialogue de maneira pacífica com a sua vizinhança, melhorando a qualidade urbana sem promover mudanças radicais no tecido urbano.

Outro aspecto é a adequação do antigo Conjunto Boris a um novo uso. Com isso, houve a reafirmação de sua importância perante o entorno. O edifício reinventa seu significado, reassumindo sua importância como conjunto, visto que o novo uso unifica suas funções. Além disso, as intervenções conferem ao edifício um importante papel na melhoria da qualidade do ambiente urbano onde está inserido.

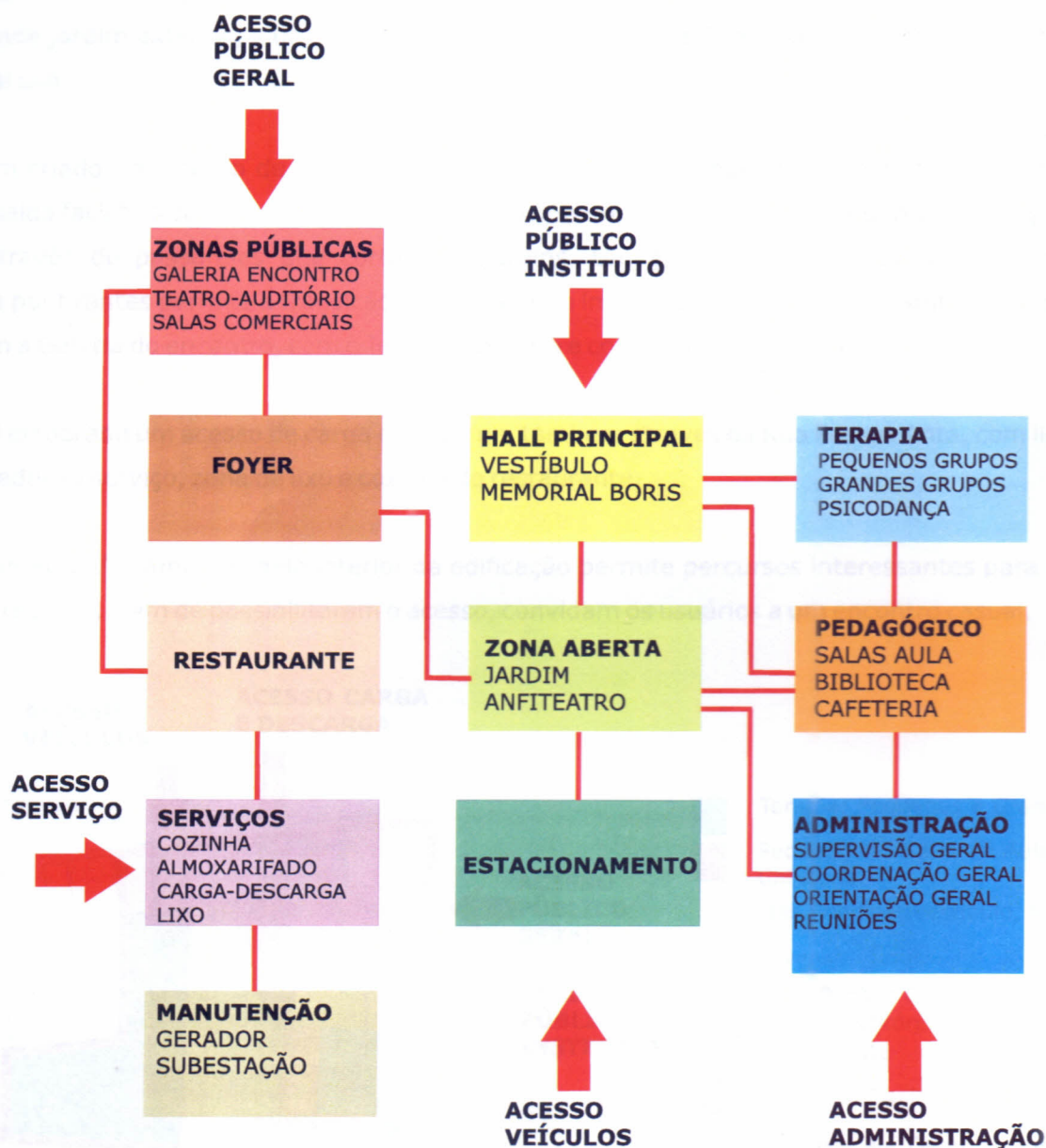
## 9.3. Implantação

A implantação no terreno foi condicionada pela situação existente. Como se explicou no item anterior respeitou-se a configuração de implantação existente, demolindo-se apenas alguns edifícios que repercutiam



## 9.4. Fluxos e Acessos

Como o conjunto apresenta-se bastante fragmentado, os fluxos foram pulverizados de acordo com essa situação, constituindo uma grande dificuldade no direcionamento dos caminhos. Houve o cuidado, porém, de respeitar a dinâmica do fluxograma, aproximando usos compatíveis e afastando usos desconformes.



Como cada trecho atua de acordo com suas próprias características, apesar de manutenção de uma interdependência entre cada zona. Com isso, cada um possui seu conjunto de corredores e de circulação vertical. Em prol da acessibilidade universal, foi priorizado o uso de rampas. Apenas um elevador foi criado, onde a criação de uma rampa prejudicaria o espaço e o piso em madeira do pavimento superior. Esses recursos permitem a locomoção por quem tem dificuldades a quase todos os ambientes.

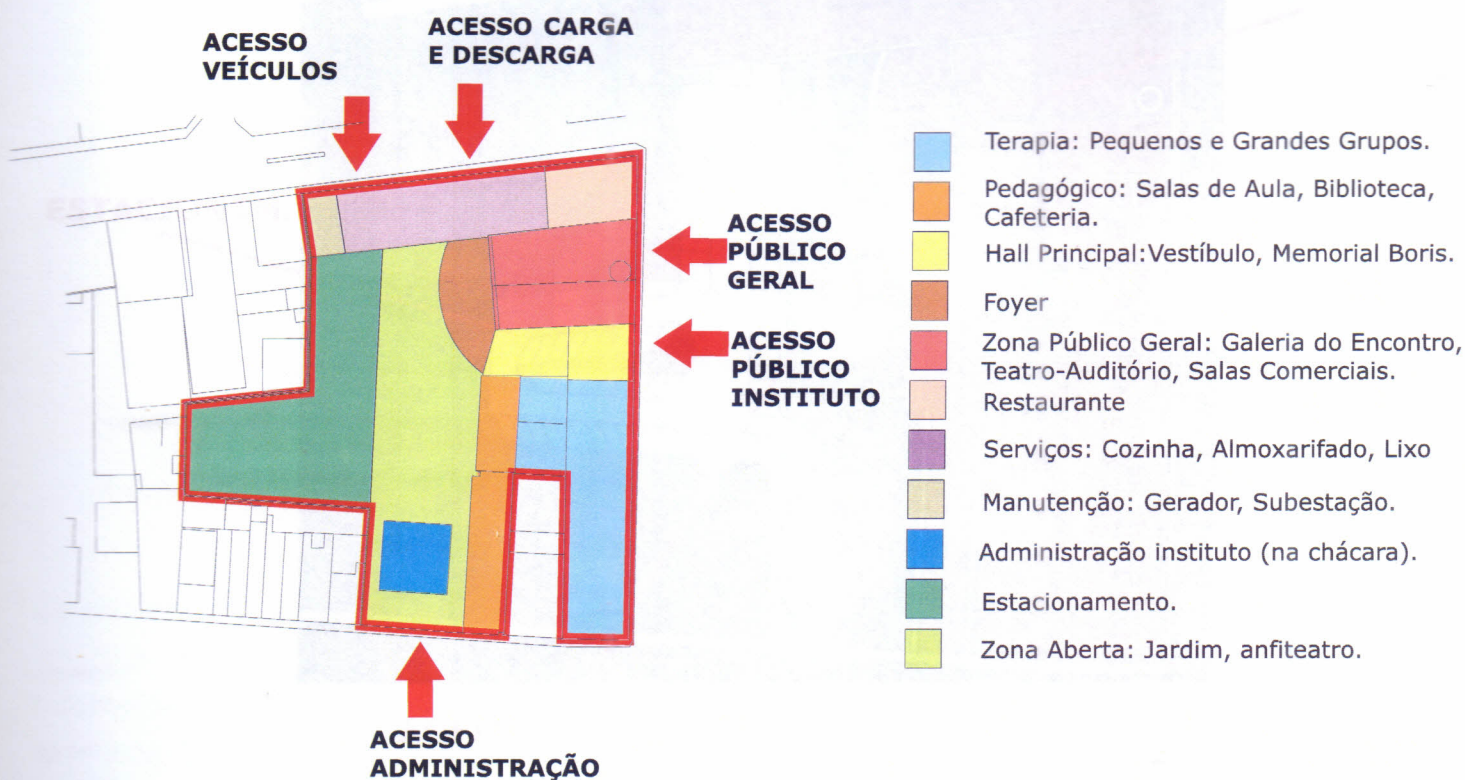
### 9.5. Partido Arquitetônico

Quanto aos acessos que ligam o exterior ao interior, foram criados cinco acessos para pedestres, de acordo com a natureza do uso: um acesso para funcionários (ligado ao bloco de serviços, pela Rua Pessoa Anta), um para os usuários dos ambientes comerciais (permitindo rápido acesso ao Restaurante, à Galeria do Encontro e à circulação vertical que levam às Salas Comerciais), um acesso de serviço ao Teatro Auditório, um acesso para usuários do Centro Pedagógico, Zona de Terapia e Memorial Boris (que serve como ambiente de passagem para o grande jardim exterior) e um acesso para os funcionários da Administração, através da chácara, onde funciona tal uso.

Foi também criado um acesso de veículos, pela Rua Pessoa Anta, mais movimentada. Uma única zona de entrada e saída facilita o controle. Quem desce no estacionamento, circula pelo jardim para atingir os diversos setores, através de passarelas que cortam os jardins. Um grande espaço coberto por uma marquise sustentada por tirantes permite a transição ente exterior e interior dos mais diversos ambientes, permitindo a ligação com a Galeria do encontro, com o Teatro-Auditório e com o Memorial Boris.

Por fim, foi elaborado um acesso de carga e descarga, também através da Rua Pessoa Anta, com ligação direta para o corredor de serviço, zona de lixo e cozinha do restaurante.

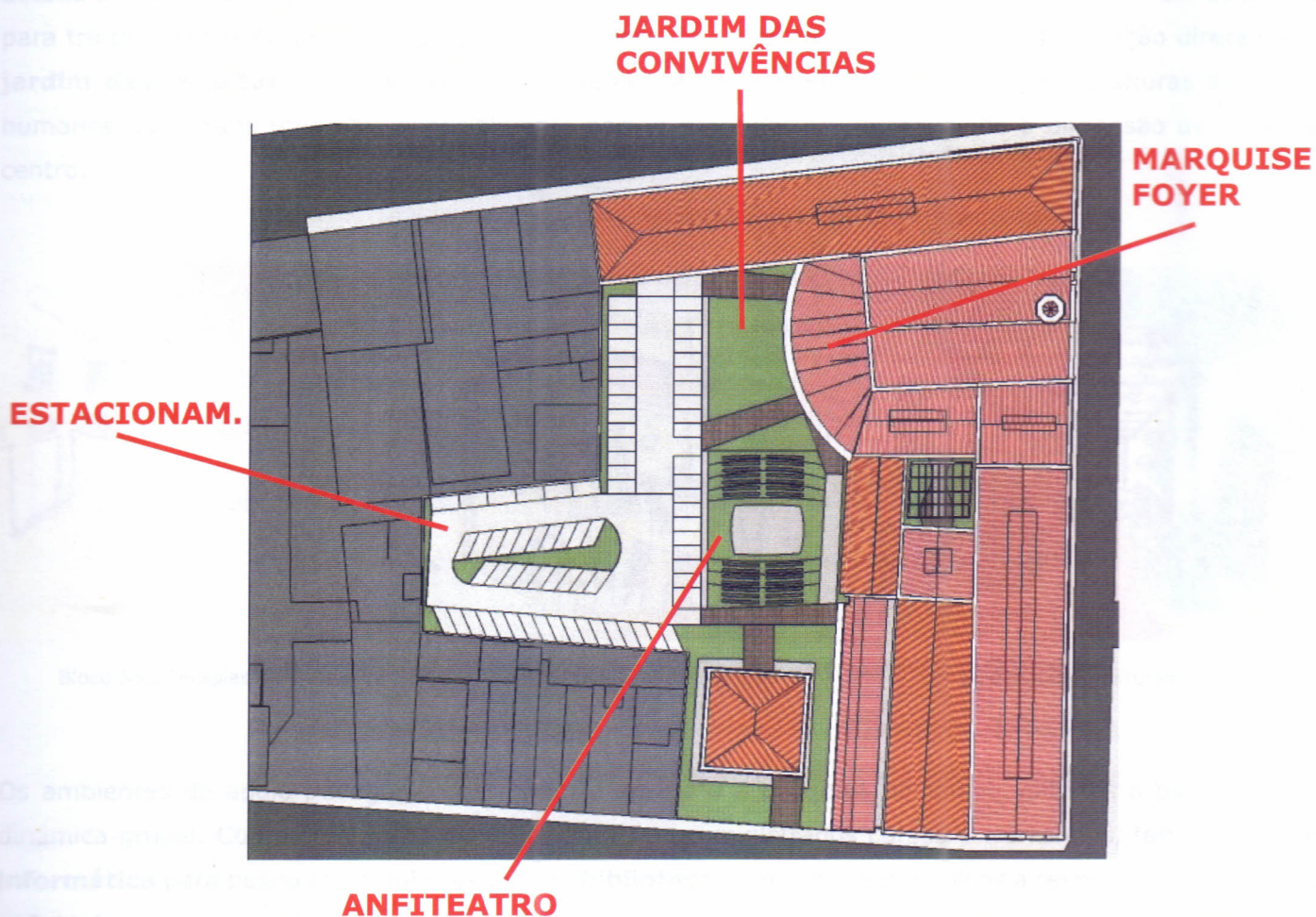
O direcionamento de caminhos pelo interior da edificação permite percursos interessantes para os usuários. Amplos corredores, além de possibilitarem o acesso, convidam os usuários a um encontro casual.



## 9.5. Partido Arquitetônico

O partido foi baseado na situação já existente, onde há vários edifícios e espaços configurados de maneira heterogênea. A partir daí é que se tomaram decisões projetuais baseadas nas Cartas Patrimoniais (melhor explicadas no tópico que trata da Intervenção). Manteve-se a horizontalidade (visto que houve toda uma preocupação com a manutenção da escala), visto que as edificações atualmente apresentam-se com um ou dois pavimentos. Porém, em alguns setores, tirou-se partido do alto pé-direito para criar um pavimento intermediário. Grandes espaços horizontais conseguem atender bem às exigências do programa.

De quem vem da rua, há um grande impacto ao se deparar com uma densa massa edificada alinhada com a calçada, situação já existente que não pôde ser repensada. Então, é no miolo do terreno que o projeto possibilita suas surpresas, ao revalorizar o antigo bosque, ao criar um anfiteatro e o estacionamento e ao possibilitar novas fachadas voltadas para esses espaços abertos. Tomou-se a liberdade de criar uma grande marquise que representa um espaço de transição entre o espaço aberto e fechado, amenizando a ausência de vazios na fachada posterior a ela.

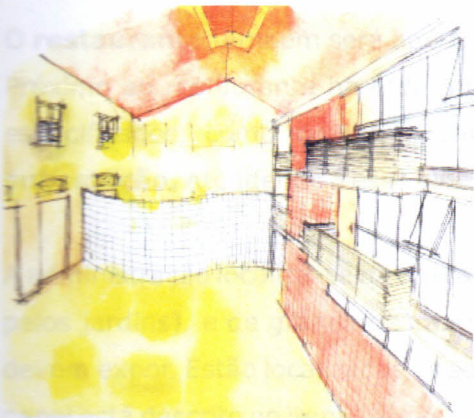


## 9.6. Programa de Necessidades

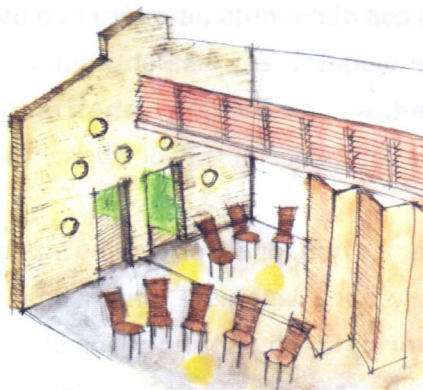
Como já foi colocado no fluxograma, há uma setorização de ambientes. Há o setor da **administração**, dos **serviços**, da **manutenção**, **pedagógico**, **terapêutico** e **zonas públicas**. Além disso, também foram criados os ambientes de **acesso**.

Um grande **vestíbulo** de acesso foi situado estrategicamente no edifício do centro da Rua Boris. Dele, parte uma ligação direta ao **Memorial Boris**, concebido para atuar como espaço de memória do edifício, de abrigo do maquinário e exposições. De acordo com a carta de Nizhny Tagil, referente ao patrimônio industrial, museus são importantes meios de proteção do patrimônio industrial (UNESCO, 2003).

O setor terapêutico, com **salas de terapias** para grandes grupos e pequenos grupos, além do espaço para psicodança é facilmente alcançado através do vestíbulo. As salas de terapias para pequenos grupos atende casais, duplas, trios e quartetos de pacientes. Pode-se também atender a pacientes individuais. As salas possuem um pequeno palco para permitir a realização de dinâmicas de grupo. Já a sala para grandes públicos é dotada de flexibilidade, pois devido á presença de uma porta camarão, pode se transformar em duas salas para trinta pessoas ou uma sala para o atendimento de sessenta pessoas. Ela possui ligação direta com o **jardim das esculturas**, criado para proporcionar paz ao paciente e para abrigar esculturas de grupos humanos. Foi criada uma sala especialmente para a **psicodança**, introduzindo a dimensão da dança ao centro.



Bloco Sala Terapias e Psicodança

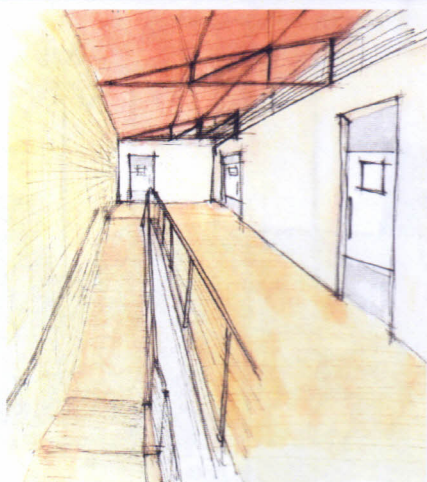


Terapia Grandes Grupos



Jardim das Esculturas

Os ambientes de apoio pedagógico permitem o ensino e a pesquisa de temas voltados à psicologia e à dinâmica grupal. Conta com **salas de aula**, para serem ministrados cursos e workshops, **laboratório de informática** para pesquisas e aulas especiais, **biblioteca** com livros e periódicos a respeito do tema e uma **cafeteria**, que também funciona como um espaçoso ambiente de estar para os alunos e funcionários.



Salas Centro Pedagógico



Biblioteca

As zonas públicas são chamadas assim porque nelas se estimula o uso não somente do público cativo do instituto, que são seus terapeutas, pacientes, funcionários e alunos, mas também têm o acesso plenamente permitido ao público externo. Nelas, há a inserção do **teatro-auditório**, que prioritariamente será utilizado pelo instituto, mas que pode ser alugado em outros horários para outros usuários. Este ambiente possui toda uma estrutura de apoio, como **camarins, depósito, banheiros e urdimento**. Vizinho a este equipamento, há a **Galeria do Encontro**, chamada assim por estimular o convívio das pessoas. Possui uma **livraria**, uma **farmácia**, um **café**, acesso ao restaurante e o hall de entrada que leva às **salas comerciais**, que podem ser alugadas para outros médicos, terapeutas e profissionais. Atendendo a esses dois espaços, o **Foyer** funciona como transição para o jardim.

O **restaurante** também será aberto ao público geral, atendendo aos usuários dos equipamentos do entorno. Próximo ao restaurante há toda uma bateria de serviços de apoio e manutenção a todos os ambientes já especificados, como **cozinha, almoxarifado, depósitos, banheiros dos funcionários, gerador e subestação**. Atendendo a esse bloco concentrado, há um espaço para **carga e descarga**.

A administração localiza-se na chácara, um edifício de menor porte, mais isolado (porém plenamente acessível pelos jardins), e de grande destaque no conjunto, demonstrando o poder hierárquico que esses ambientes devem expor. Estão localizadas as salas de **coordenação geral, orientação geral, supervisão geral** (cujo papel está descrito no item 4.3 deste documento), além da **secretaria e tesouraria**.

Externamente, há o **jardim das convivências**, onde se pode fazer festas, encontros e piqueniques, o **anfiteatro** para manifestações de dinâmica grupal ao ar livre (favorecida inclusive pelo formato em arena) e o **estacionamento**, acessível através da Rua Pessoa Anta, a mais movimentada do conjunto.

Banheiros, o elevador, rampas de acesso, escadas e depósitos completam o programa, fornecendo o apoio necessário.



**VISTA DO ESTACIONAMENTO COM O ANFITEATRO, A MARQUISE DO FOYER E O BLOCO COM A FACHADA E A COBERTURA RESTAURADA AO FUNDO.**

**VISTA DO ANFITEATRO, COM JARDINS, MARQUISE E BLOCO DE SERVIÇOS AO FUNDO.**



**VISTA DO JARDIM DAS CONVIVÊNCIAS, POR TRÁS DO ESTACIONAMENTO**

### Tabela com o Programa de Necessidades:

SETOR/AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (M2)
<b>Administração:</b>		307,79
Térreo		265,55
Hall	1	14,11
Secretaria	1	35,95
Orientação geral	1	37,34
Coordenação geral	1	40,96
Supervisão geral	1	37,34
Tesouraria	1	28,57
Circulação Total	1	52,63
Banheiro Feminino	1	10,05
Banheiro Masculino	1	8,60
Intermediário		42,24
Sala de reuniões	1	29,94
Hall superior	1	12,30
<b>Acesso Geral (Térreo)</b>		452,34
Vestíbulo	1	220,19
Memorial Boris	1	232,15
<b>Terapia:</b>		1900,79
Térreo		1074,23
Recepção/exposições temporárias	1	380,37
Circulação	1	143,58
Salas terapias Pequenos Grupos	4	50,00
Psicodança	1	164,60
Terapia Grandes Grupos	1 (pode ser 2)	150,65
Jardim das Esculturas	1	150,49
Banheiro Masculino 1	1	17,27
Banheiro Feminino 1	1	17,27
Intermediário e Superior		2 x 413,23
Circulação	2	143,58
Salas terapias Pequenos Grupos	8	50,00
Varandas	8	5,29
Banheiro Masculino 2	2	15,76
Banheiro feminino 2	2	15,76
Depósito	2	16,97

<b>Pedagógico:</b>		1206,96
Térreo		608,71
Hall de Entrada	1	70,89
Circulação	1	76,43
Sala de Aula Tipo 1	2	48,79
S. Aula Tipo 2	1	71,04
Banheiro Masculino	1	16,97
Banheiro Feminino	1	16,97
Balcão	1	33,60
Cozinha	1	14,17
Cafeteria	1	162,27
<b>Intermediário</b>		598,25
Circulação	1	76,43
Hall Superior	1	59,93
Laboratório de Informática	1	71,04
Sala de Aula Tipo 1	2	48,79
Biblioteca (Leitura/Acervo)	1	198,07
Controle Biblioteca	1	20,15
Sala dos Bibliotecários	1	17,50
Balcão Atendimento	1	12,73
Leitura em Grupo	1	16,25
Livros Raros	1	16,00
Informática	1	6,34
Leitura Individual	1	6,23
<b>Teatro-Auditório:</b>		447,12
Térreo		340,91
Hall	1	26,75
Banheiro Masculino	1	6,70
Banheiro Feminino	1	6,70
Platéia	1 (111 lugar)	168,35
Palco	1	84,00
Depósito/acesso	1	48,41
<b>Intermediário</b>		71,45
Som e Luz	1	11,11
Depósito som e Luz	1	60,34

Superior		34,76
Circulação	1	4,74
Camarim 1	1	12,40
Banheiro Camarim 1	1	2,39
Camarim 2	1	12,91
Banheiro Camarim 2	1	2,32
<b>Galeria do Encontro (Térreo)</b>		<b>417,28</b>
Hall	1	56,72
Galeria	1	259,13
Banheiro Masculino	1	10,83
Banheiro Feminino	1	9,89
Livraria	1	43,76
Farmácia	1	36,95
<b>Foyer (Térreo)</b>		<b>351,03</b>
Espaço Foyer	1	345,50
Bilheteria	1	5,53
<b>Salas Comerciais (Superior)</b>		<b>716,25</b>
Hall	2 (1 no térreo)	22,12
Recepção	1	15,43
Copa	1	5,27
Banheiro recepção	1	2,18
Espera	1	87,41
Banheiro Masculino	1	11,05
Banheiro Feminino	1	10,17
Circulação	1	85,02
Sala Comercial 1	1	38,00
Sala Comercial 2	1	49,10
Sala Comercial 3	1	51,00
Sala Comercial 4	1	51,00
Sala Comercial 5	1	67,73
Sala Comercial 6	1	54,45
Sala Comercial 7	1	38,70
Sala Comercial 8	1	38,00
Sala Comercial 9	1	51,00
Projeção mezaninos	5	16,50

<b>Restaurante (Térreo)</b>		397,34
Refeições	1	290,00
Atendimento e Bar	1	81,46
Banheiro Feminino	1	13,38
Banheiro Masculino	1	12,50
<b>Serviços (Térreo)</b>		468,43
Cozinha	1	97,45
Lixo Orgânico	1	16,80
Lixo Reciclável	1	16,80
Deck de apoio	1	17,40
Depósito	1	61,13
Controle Almojarifado	1	16,67
Almojarifado	1	39,17
Banheiro e Vestiário Feminino	1	27,50
Banheiro e Vestiário Masculino	1	19,84
Carga e descarga	1	99,80
Circulação	1	55,87
<b>Manutenção (Térreo)</b>		81,79
Gerador	1	24,59
Subestação	1	57,20
Recepção de Energia	1	5,03
<b>Acesso Veículos e Funcionários (Térreo)</b>		184,62
Acesso	1	179,50
Guarita	1	5,12
<b>Estacionamento:</b>	1 (76 vagas)	1.975,32
<b>Jardins e Anfiteatro:</b>	1	2.581,16
<b>TOTAL AMBIENTES</b>		
<b>Sem Paredes</b>		6931,75
<b>Total Ambientes Térreo Sem Paredes</b>		4642,34
<b>Total Ambientes Intermediário Sem Paredes</b>		1125,17
<b>Total Ambientes Superior Sem Paredes</b>		1164,24
<b>Com Paredes</b>		7988,42
<b>Total Ambientes Térreo Com Paredes</b>		5.619,95
<b>Total Ambientes Intermediário Com Paredes</b>		1312,69
<b>Total Ambientes Superior Com Paredes</b>		1292,30
<b>Total Terreno:</b>		10.176,33

## 9.7. Intervenção

A intervenção foi pautada pela preocupação em não destruir o significado cultural do edifício. Buscou-se elaborar um trabalho que promovesse uma cuidadosa **adaptação** do conjunto edificado ao novo uso, balizado pelas normas das Cartas Patrimoniais de Veneza e de Burra. Cada aspecto da intervenção buscou trabalhar com materiais, cores, massas, volumes, ritmos, texturas, cheios, vazios e sombras de maneira a respeitar o preexistente.

Assim, foram elaborados atos de **manutenção** e **reparação**. A manutenção diz respeito à **conservação**, que implica no cuidado com os elementos originais relevantes, a serem **preservados** e de acréscimos posteriores considerados válidos. A reparação implica na **restauração** e **reconstrução** das partes destruídas e degradadas das quais se tem registro.

Foram preservadas a volumetria (exceto no novo edifício, cujo gabarito foi um pouco aumentado com o intuito de tornar mais harmoniosa sua posição perante as outras edificações, além de sua fachada principal ter sido orientada estrategicamente para o interior do lote) e a configuração das fachadas nos trechos mais conservados. Como já foi dito, exceto por algumas demolições, o posicionamento dos edifícios no lote foi mantida.

Houve também a preservação de alguns elementos do interior. Porém, como se trata de um exemplar da arquitetura portuária, seu interior apresenta-se limpo, desprovido de ornamentos na maior parte dos trechos, sem grandes divisões de ambientes. Neste caso, o edifício antigo pôde ser tratado como um contêiner, capaz de abrigar modernas intervenções em seu interior.

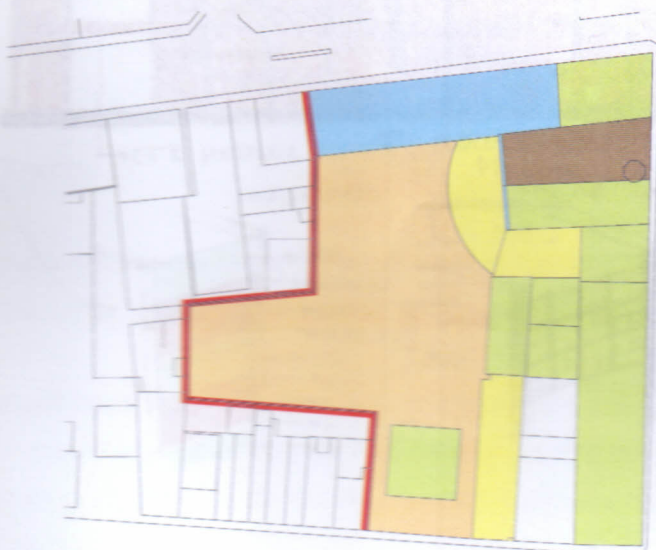
A maior parte das ações de reparação envolve o tratamento das fachadas e seus elementos, como platibandas, cornijas, arcos, esquadrias e ornamentos, elementos de extrema importância, mais conservados e de onde se têm mais registros. Muitas vezes, o restauro implica somente no tratamento das paredes, como a pintura, já que seus elementos decorativos encontram-se bem preservados em muitos pontos. Outras ações envolvem cobertas de alguns trechos (já que a maioria se encontra descaracterizada. Então, optou-se por elaborar novas cobertas nestes casos, com um melhor funcionamento no que diz respeito à proteção de intempéries, à conservação e ao conforto ambiental) e à preservação de alguns elementos internos com relevância histórica, como uma estrutura de lajes, vigas e pilares em madeira, uma escada de madeira e a escada helicoidal da torrinha, a ser restaurada.









Apesar de prezar por uma postura preservacionista, foram **eliminados** elementos considerados sem importância, não compatíveis com o novo uso. Trata-se de corpos edificados que prejudicam a qualidade espacial e cobertas descaracterizadas.

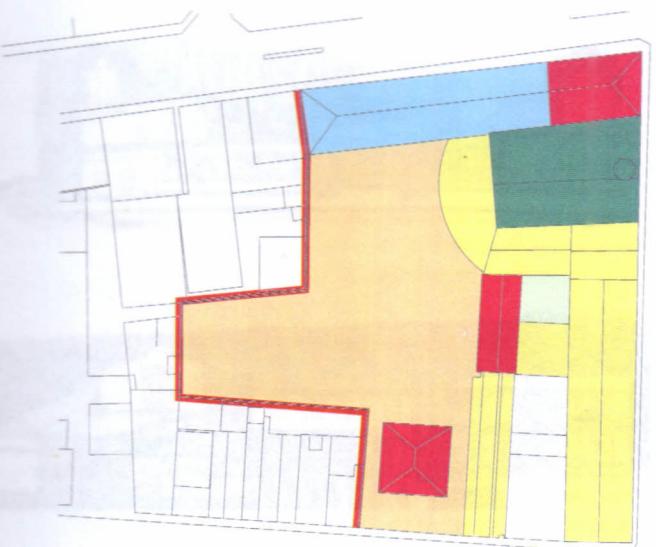
## 9.8. Tratamento das Lacunas

Tais eliminações foram responsáveis pela geração de lacunas, gerando a necessidade de preenchê-las por **justaposição**, de maneira a não prejudicar a configuração do conjunto e do ambiente urbano. Tais ações, pela sua contemporaneidade, devem apresentar a marca da nossa época, sem, no entanto, desrespeitar o pré-existente. O novo encontra-se bem diferenciado do antigo, com a adoção de novos materiais, como o aço, o PVC, a cerâmica que reveste as paredes e o vidro.

A flexibilidade diz respeito à reversibilidade. Mais difícil de ser conseguida pela natureza do projeto, foi potencializada pelo uso da estrutura metálica nas novas intervenções (vigas, pilares e treliças). Delgada e elegante confere uma leitura contemporânea que demarca bem o novo, além de permitirem o aumento da sobrevida do edifício.



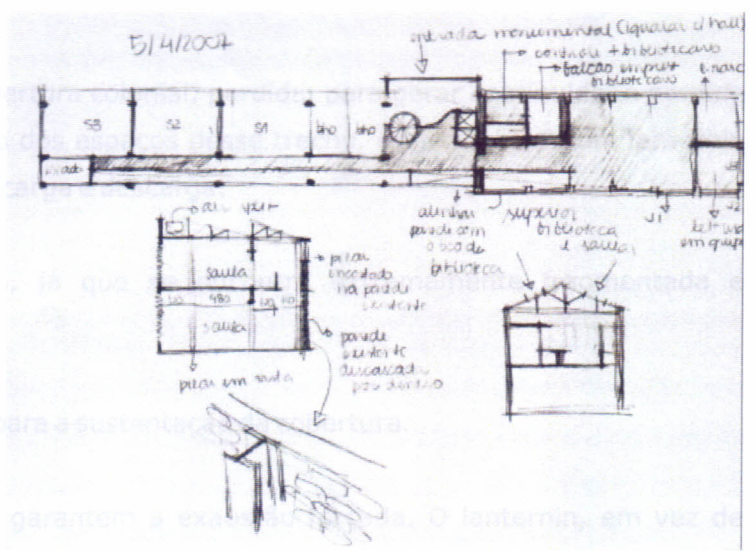
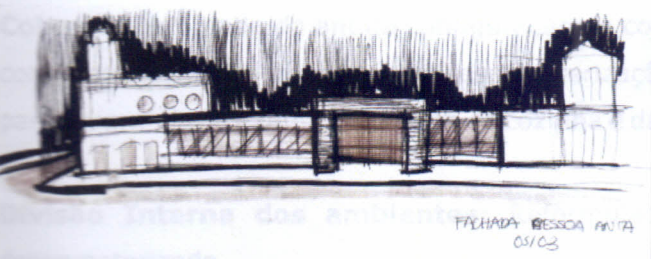
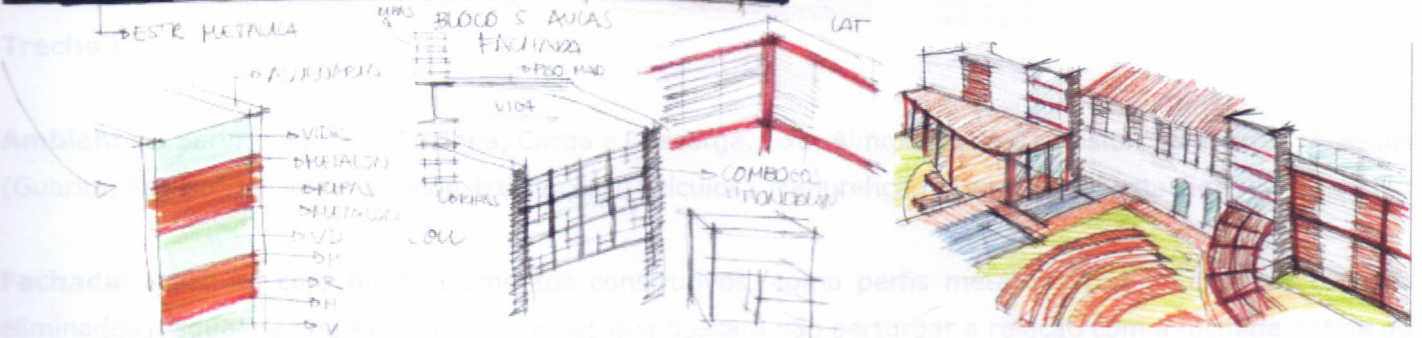
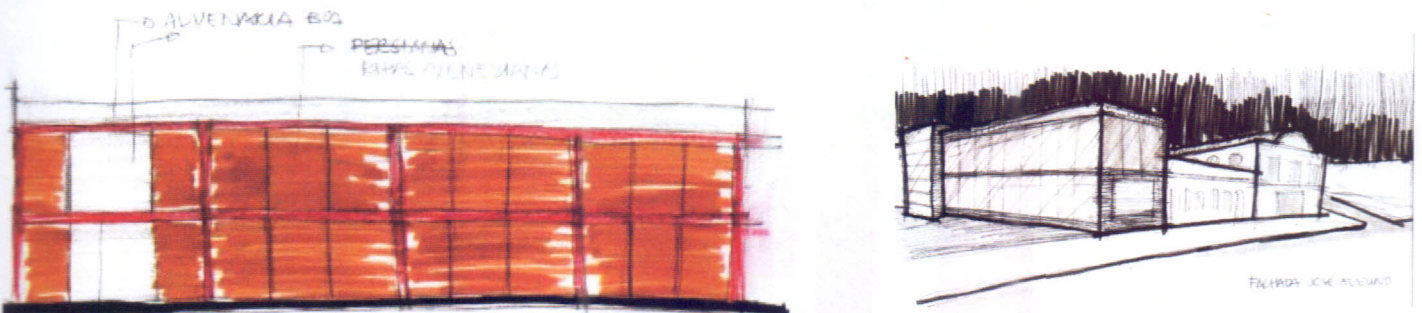
-  Nova edificação/coberta (Preenchendo lacunas)
-  Nova cobertura seguindo linguagem da cobertura existente
-  Eliminação da cobertura (Pátio interno)
-  Restauração da cobertura
-  Zona descoberta no projeto (Jardins, estacionamento, anfiteatro)
-  Ações de justaposição
-  Restauração da fachada e de alguns elementos no interior, adaptação
-  Restauração/reconstrução da fachada e adaptação a um novo uso



## 9.8. Trajetória Ilustrada do Processo Projetual

Apesar do caráter subjetivo, muitas vezes a arquitetura se aproxima de uma ciência pura, pois exige experimentações e o encontro de soluções através do método de tentativa e erro.

A seguir, são mostrados alguns croquis que atuam como testemunho de idéias testadas (e algumas posteriormente abandonadas) ao longo desses meses de trabalho.



## 9.9 Ações Trecho a Trecho e Aspectos Construtivos



### Trecho 1:

**Ambientes:** Serviços Gerais (Cozinha, Carga e Descarga, Lixo, Almoxarifado, Depósito, Banheiros), Acessos (Guarita, Acesso Funcionários-Pedestres, Acesso Veículos), Manutenção (Gerador, Subestação).

**Fachada:** Releitura com novos elementos construtivos, como perfis metálicos completando as cornijas eliminadas, esquadrias de PVC (novas janelas que buscam não perturbar a relação com a fachada antiga do trecho 2), portões de acesso de ferro e pintura na mesma tonalidade cromática achada nas prospecções do trecho 2.

**Coberta:** Retomada da antiga configuração da cobertura colonial, perdida, para gerar continuidade perdida com a sucessiva fragmentação e descaracterização dos espaços desse trecho. Construção de um lanternin para garantir luz e exaustão na zona da cozinha e da carga e descarga.

**Divisão Interna dos ambientes:** Reformulada, já que se encontra extremamente fragmentada e descaracterizada.

**Estrutura:** manutenção das alvenarias estruturais para a sustentação da cobertura.

**Conforto Ambiental:** Na cozinha, equipamentos garantem a exaustão forçada. O lanternin, em vez de veneziana, possui vidro, para efeitos de iluminação. Esquadrias em venezianas permitem a circulação do ar. Nos outros ambientes, circulação natural do ar e ventiladores. Sem tratamento acústico.

**Trecho 2:** auditório, Estrutura de madeira para a cobertura em trecho 2, estrutura de madeira para a cobertura do pavilhão intermediário e estrutura de madeira para a cobertura do pavilhão de apoio.

**Ambientes:** Restaurante

**Fachada:** Preservação de seus elementos decorativos, ações de restauro, como a realização de pré-lavagem com água pressurizada, remoção de partes de argamassa soltas, recomposição do reboco, utilização de pintura acrílica sem emassamento. A cor será definida após prospecções.

**Conforto Ambiental:** Conforto térmico por Ar Condicionado. Em caso de falha, há a possibilidade de abertura de esquadrias.

**Coberta:** Colonial, capa e canal, com tesoura em madeira. Restauro de seus elementos. Sua configuração irá guiar as ações na cobertura do trecho 1. Presença do guarda-pó em madeira de lei, macho e fêmea com acabamento encerado.

**Trecho 4:**

**Divisão Interna dos ambientes:** Como se trata atualmente de um depósito e não foi possível visitar o seu interior, considerou-se que o ambiente não tinha divisões internas e manteve-se, nesse projeto, seu caráter de espaço unificado.

**Estrutura:** manutenção das alvenarias estruturais para a sustentação da cobertura.

**Conforto Ambiental:** Conforto térmico por Ar Condicionado. Em caso de falha, há a possibilidade de abertura de esquadrias.

**Conforto Ambiental:** Conforto térmico por Ar Condicionado. Em caso de falha, há a possibilidade de abertura de esquadrias.

**Trecho 3:** Teatro Auditório e Apoio, Galeria do Encontro, Salas Comerciais, Torrinha.

**Ambientes:** Teatro Auditório e Apoio, Galeria do Encontro, Salas Comerciais, Torrinha.

**Fachada:** Preservação de seus elementos decorativos, ações de restauro, como a realização de pré-lavagem com água pressurizada, remoção de partes de argamassa soltas, recomposição do reboco, utilização de pintura acrílica sem emassamento. A cor será definida após prospecções.

**Coberta e forro:** Atualmente de cimento amianto, foi reformulada para telha em aço pré-pintada, isotérmica, com núcleo isolante e treliça metálica, na configuração existente em fotografias antigas. Forro de gesso (que no teatro auditório será tratado de maneira diferenciada, para efeitos de conforto acústico).

**Conforto Ambiental:** Conforto térmico por Ar Condicionado. Em caso de falha, há a possibilidade de abertura de esquadrias.

**Divisão Interna dos ambientes:** Foi mantida a disposição em dois pavimentos (com exceção do teatro-auditório, que abrigou um pavimento intermediário para sala de som e luz). Acima da parte com estrutura de madeira, foi feita uma nova disposição de ambientes internos com salas comerciais, em gesso acartonado.

**Estrutura:** manutenção de boa parte da estrutura de madeira (a ser preservada) e da laje de concreto acima

do teatro auditório. Estrutura de aço pintada em branco disposta de maneira pontual para sustentar o pavimento intermediário e o mezanino das salas comerciais (com tirantes em seus extremos, para amarração da estrutura). Treliças apoiadas nas paredes de alvenaria.

Trecho 3:

**Circulação vertical:** Existente a ser restaurada (uma escada em madeira e escada helicoidal metálica na zona da torrinha). Nova circulação em aço. Presença de um elevador panorâmico na Galeria do Encontro.

**Conforto Ambiental:** Conforto acústico no teatro-auditório. Conforto térmico pelo ar-condicionado. Como se trata de uma zona com poucas aberturas (exceto nos trechos mais próximos às fachadas), a iluminação artificial precisa ser bem trabalhada.

Trecho 4:

com núcleos terapêuticos e pedagógicos.

**Ambientes:** Núcleo Terapêutico (atendimento grandes grupos), Jardim das Esculturas, Núcleo Pedagógico (Cafeteria, Biblioteca).

**Fachada:** Voltada para o miolo do lote, será preservada. Sua austeridade não implica em muitas ações, além de prospecções para achar a tonalidade cromática com que deve ser pintada. Portas que atualmente estão fechadas serão reabertas, mas não terão função de passagem. Para demarcá-las, será preciso inserir uma lâmina de vidro fixo.

Trecho 5:

**Coberta e forro:** Como é segmentada em três ambientes, dois com cobertura colonial nova e um com a cobertura antiga, serão feitas três ações diferentes. O telhado antigo será preservado, com suas peças e sua treliça em madeira restaurada, e haverá a colocação de um guarda-pó por baixo dessa cobertura (que irá abrigar a biblioteca.). As novas telhas coloniais, sem nenhum valor serão substituídas por telha em aço pré-pintada, isotérmica e treliça metálica, dotada de lanternin para uma melhor exaustão. Não há forro nesse ambiente. Em outro trecho, a cobertura será totalmente retirada e será criado um jardim interno, com uma estrutura delgada em aço e policarbonato fazendo às vezes de cobertura.

Coberta e forro: Ambiente

**Divisão Interna dos ambientes:** Os três blocos foram mantidos integralmente como invólucro. Em um deles (o da cafeteria e da biblioteca) ganhou segundo pavimento (condição supostamente existente antigamente). Amplos espaços mantidos. No ambiente do tratamento para grandes grupos, há a possibilidade de dividir o ambiente em dois, através de uma porta camarão capaz de ser encostada totalmente na parede.

nos espaços, e aproveitamos as estruturas existentes para a construção de um novo espaço.

**Estrutura:** No trecho com segundo pavimento, foi utilizada estrutura de aço pintada em branco, laje steel deck e escadas em aço. As coberturas são sustentadas pelas grossas paredes em alvenaria.

com uma escada helicoidal metálica.

**Conforto Ambiental:** No trecho da biblioteca e cafeteria, há a presença de ar-condicionado. Na sala para

grandes grupos, há um lanternin da coberta, venezianas rentes à cobertura e o reaproveitamento dos óculos já existentes na fachada de maneira a fazer o ar circular (potencializado por ventiladores).

**Trecho 5:** Ambientais no amplo espaço de recepção e psicodança.

**Ambientes:** Hall de entrada principal para pedestres.

**Fachada:** Preservação de seus elementos decorativos, ações de restauro, como a realização de pré-lavagem com água pressurizada, remoção de partes de argamassa soltas, recomposição do reboco, utilização de pintura acrílica sem emassamento. A cor será definida após prospecções.

**Coberta e forro:** Atualmente de cimento amianto, foi reformulada para telha em aço pré-pintada, isotérmica, com núcleo isolante e treliça metálica, na configuração existente em fotografias antigas. Sem forro.

**Divisão Interna dos ambientes:** Sua atual configuração de grande espaço sem divisórias foi mantida.

**Estrutura:** Telhado sustentado pelas paredes existentes em alvenaria.

**Conforto Ambiental:** Ventilação Natural, com a exaustão assegurada pelo lanternin da cobertura.

**Trecho 6:**

**Ambientes:** Núcleo terapêutico.

**Fachada:** Preservação de seus elementos decorativos, ações de restauro, como a realização de pré-lavagem com água pressurizada, remoção de partes de argamassa soltas, recomposição do reboco, utilização de pintura acrílica sem emassamento. A cor será definida após prospecções.

**Coberta e forro:** Atualmente de cimento amianto, foi reformulada para telha em aço pré-pintada, isotérmica, com núcleo isolante e treliça metálica, na configuração existente em fotografias antigas. Sem forro. Construção de um lanternin para exaustão

**Divisão Interna dos ambientes:** Demolição da laje e de uma escada em madeira existente. Considerou-se seu espaço livre, e aproveitou-se seu amplo pé-direito para a construção de uma "edificação dentro da outra", com três pavimentos, toda em estrutura metálica branca, paredes em alvenaria 15 cm, forro de gesso, esquadrias em PVC e vidro, revestimento com cerâmica Gail, rampa em concreto com piso em chapa corrugada, escadas metálicas)

**Estrutura:** Telhado sustentado pelas paredes existentes em alvenaria. Como já foi dito anteriormente, nova intervenção em estrutura de aço pintada em branco.

**Conforto Ambiental:** No amplo espaço livre de recepção e psicodança, o ar pode circular através de esquadrias, óculos e pelo lanternin da cobertura. Nas salas de terapia, foi utilizado o Ar-Condicionado. Também pode fazer o ar circular pelas janelas basculantes de vidro e pelas venezianas de PVC. Como a nova intervenção encontra-se deslocada das paredes laterais (exceto no lado da rampa), o ar pode circular pelos ambientes. A luz segue através dos tijolos de vidro e esquadrias.

#### **Trecho 7:**

**Ambientes:** Setor administrativo.

**Fachada:** reconstrução de boa parte de suas fachadas, atualmente em elevado estado de degradação, baseada em pesquisas e fotografias. Preservação de seus elementos decorativos, ações de restauro, como a realização de pré-lavagem com água pressurizada, remoção de partes de argamassa soltas, recomposição do reboco, utilização de pintura acrílica sem emassamento. A cor será definida após prospecções.

**Coberta:** Colonial, capa e canal, com tesoura em madeira. Restauro de seus elementos. Presença do guarda-pó em madeira de lei, macho e fêmea com acabamento encerado.

**Divisão Interna dos ambientes:** Reformulação de seus ambientes, com a demarcação do registro das antigas paredes no piso.

**Estrutura:** Manutenção da alvenaria estrutural.

**Conforto Ambiental:** Ar Condicionado. A proteção térmica é reforçada pela presença das grossas paredes exteriores e de forte vegetação nos jardins que circundam o edifício. Sem tratamento acústico.

#### **Trecho Novo 1 (Tn1):**

**Ambientes:** Núcleo Pedagógico. Salas de Aula.

**Fachada:** Estrutura metálica pintada em branco aparente. Paredes de alvenaria revestidas com cerâmica gail. Esquadrias em PVC com venezianas e vidro. Marquises em aço e laje steel deck.

**Coberta e forro:** Telha em aço pré-pintada, isotérmica, com núcleo isolante e treliça metálica. Presença de laje impermeabilizada isolada termicamente para abrigo do Air Split. Forro de gesso.

**Divisão Interna dos ambientes:** Salas de aula ligadas por um corredor. Ritmo bem definido.

**Estrutura:** Estrutura metálica pintada em branco e laje steel deck.

**Circulação vertical:** rampa em concreto com piso em chapa corrugada, escadas metálicas.

**Conforto Ambiental:** Conforto térmico do corredor garantido por um shed, que permite a exaustão do ar. Nas salas de aula, há a presença do Ar-Condicionado. Em caso de falha, as venezianas de PVC são articuladas. Proteção contra o forte sol do Oeste pelas marquises e pela ampla arborização dos jardins em frente. Iluminação natural garantida pelo vidro. Sem tratamento acústico.

### **Trecho Novo 2 (TN2):**

**Ambientes:** Memorial Boris.

**Fachada:** Por se tratar de uma justaposição, será uma fachada simples, com platibanda, com tonalidade cromática definida pelas prospecções no trecho antigo.

**Coberta e forro:** Telha em aço pré-pintada, isotérmica, com núcleo isolante e treliça metálica. Sem forro.

**Divisão Interna dos ambientes:** Grande espaço livre.

**Estrutura:** Cobertura apoiada nas paredes laterais (antigas)

**Conforto Ambiental:** Conforto térmico garantido pela exaustão através do lanternin da cobertura e ventiladores. Proteção contra o forte sol do Oeste pela marquise em frente. Proximidade com o jardim das esculturas e portas de vidro permite um incremento da iluminação natural. Sem tratamento acústico.

### **Trecho Novo 3(TN3):**

**Ambientes:** Foyer.

**Fachada:** Lâminas de Vidro, Venezianas de PVC, Alucobond branco demarcando marquise.

**Coberta e forro:** Telha em aço pré-pintada, isotérmica, com núcleo isolante e treliça metálica. Forro escondendo treliças. Tirantes de aço sustentando cobertura.

**Divisão Interna dos ambientes:** Grande espaço livre.

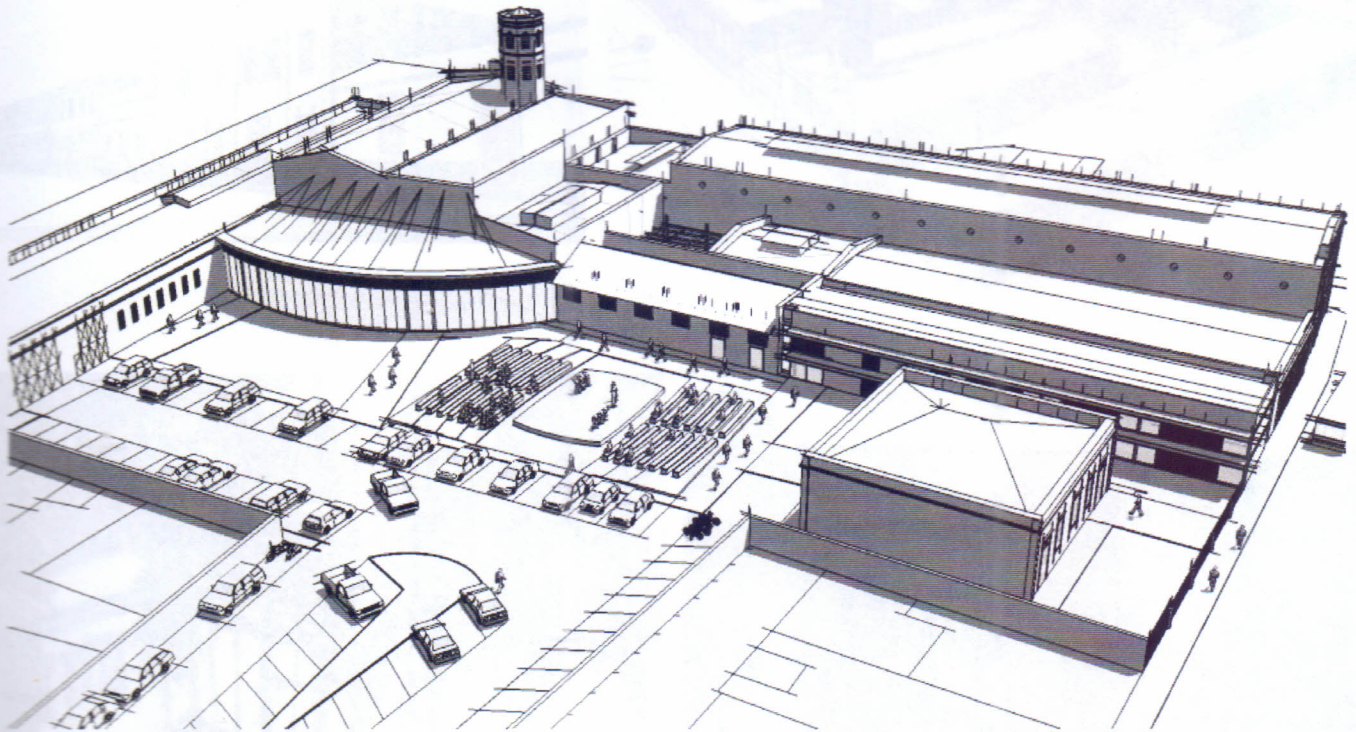
**Estrutura:** Realizada por tirantes e por pilaretes em torno das portas.

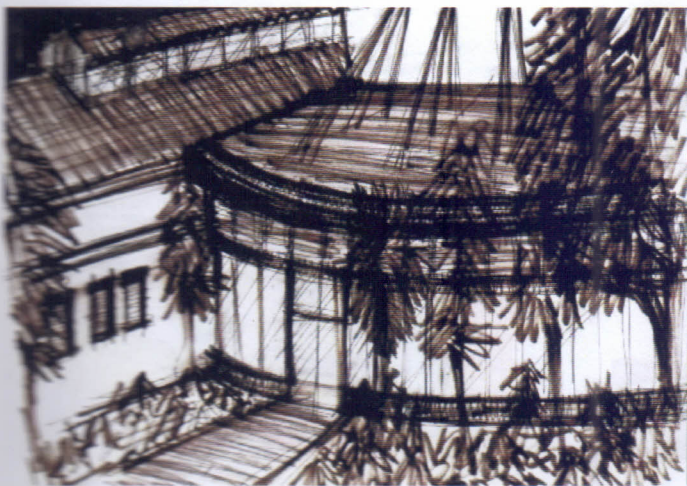
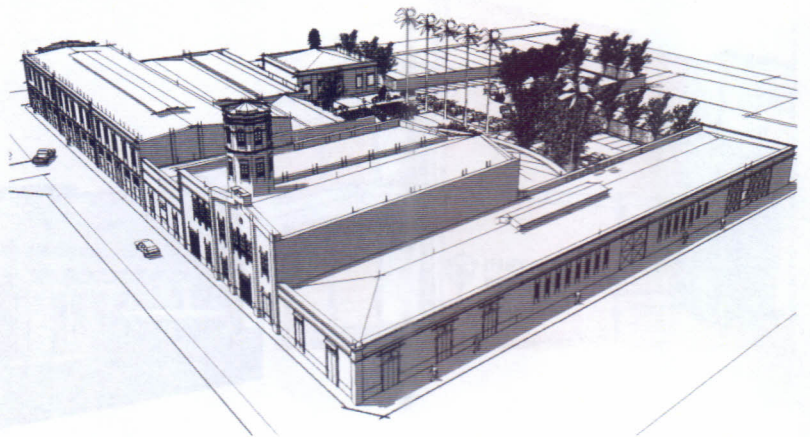
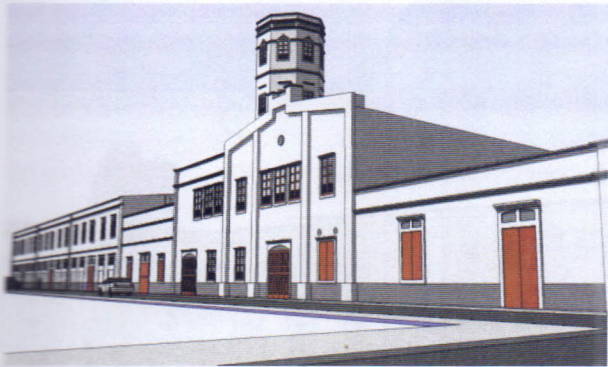
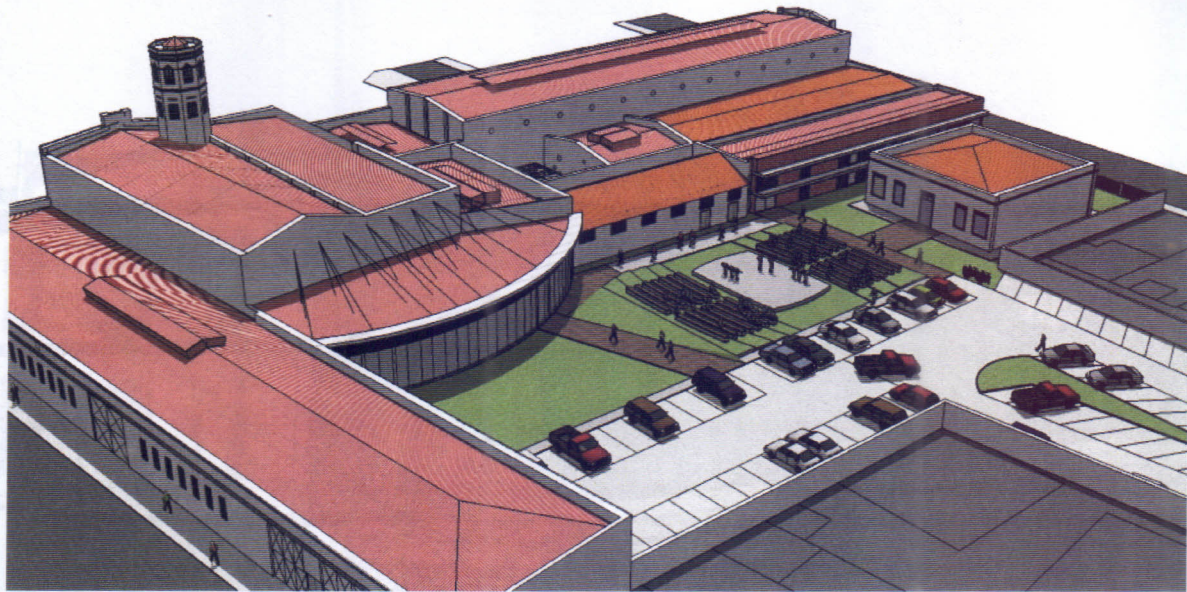
**Conforto Ambiental:** Conforto térmico garantido pela exaustão através das venezianas. Proteção contra o forte sol do Oeste pela marquise, venezianas e ampla arborização do jardim em frente. Iluminação Natural garantida pelos amplos painéis de vidro. Sem tratamento acústico.

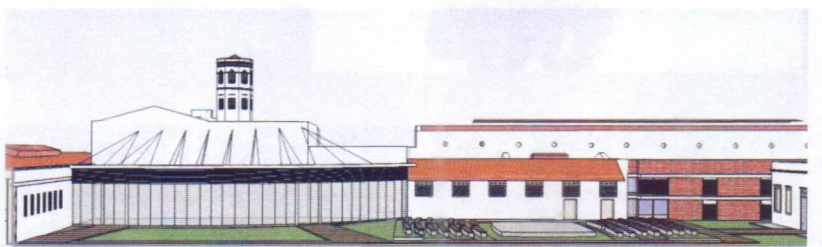
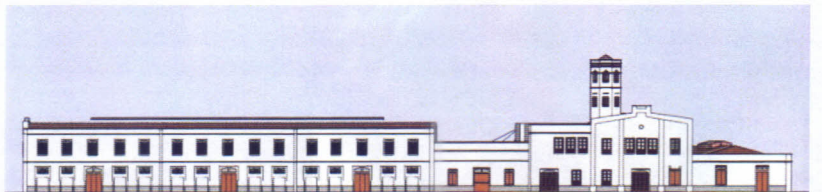
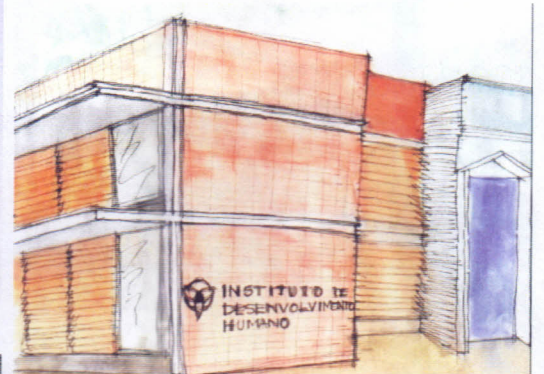
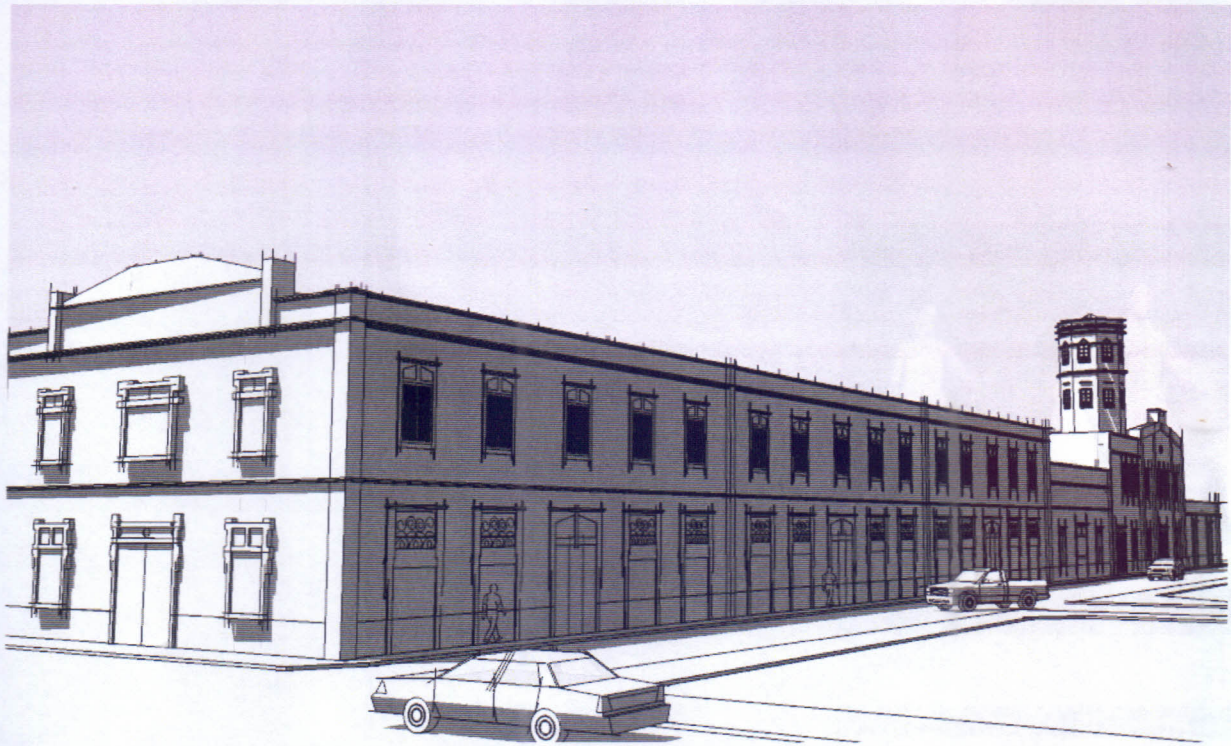
**Zona Livre:**

**Ambientes:** Anfiteatro, Jardim das Convivências, Estacionamento.

**Configuração:** Gramado no Anfiteatro, trabalhado em níveis, com palco e banco de concreto. Piso intertravado no estacionamento e gramado nos jardins. Manutenção das árvores existentes e plantação de novas mudas nos locais onde há a escassez de vegetação. Passarelas de madeira e rampas em concreto direcionam os caminhos.









# 10 CONCLUSÃO

## 10. Conclusão

Como o projeto está inserido em um conjunto de edificações heterogêneas, concluiu-se que cada caso particular exige um tratamento único. Cada restauro, cada justaposição, cada preservação tem seu caráter próprio, pois são condicionadas por um motivo próprio. Porém, mesmo com essa diversidade de modos de atuação, é possível criar uma unidade entre os corpos que sofreram essas intervenções.

Além disso, o valor de uso de um edifício histórico é de suma importância. Não adianta preservar e restaurar se não se atribui um uso à edificação. A presença de pessoas pode culminar em alguma degradação física, mas pode-se contornar isso através de uma manutenção cuidadosa. O que dá vida a um edifício não é somente seu aspecto bem cuidado, mas a presença maciça e satisfatória de seus usuários. A presença de um Instituto que trabalha com Dinâmica Grupal permitiria tal feito, pois seus espaços permitem várias possibilidades de utilização.

Por fim, pode-se considerar esse Trabalho Final de Graduação não só como o fim de um ciclo e uma síntese dos conhecimentos adquiridos até então como também o pontapé inicial de uma carreira no mundo da arquitetura.

## 11. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

### Dinâmica Grupal:

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação na Instituição Educativa**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1985.

CARNEIRO, Danúzio. **Grupo: Esquema Estrutural e Dinâmica Grupal**. Virtualbooks, 2001.

CARNEIRO, Danúzio. **Grupo: Dinâmica Grupal. Conceituação, História, Classificação e Campos de Aplicação**. Virtualbooks, 2001.

FERNANDEZ, Ana Maria. **O Campo Grupal: Notas Para Uma Genealogia**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FUX, Maria. **Dança Experiência de Vida**. São Paulo: Summus, 1983

LANE, Silvia T. Maurer. **O Que É Psicologia Social**. 4ª Edição. São Paulo. Brasiliense, 1983.

MORENO, J.L. **Quem Sobreviverá?** Tradução Alessandra R. de Faria, Denise L. Rodrigues e Márcia A. Kafuri. Vol. 1. Goiânia: Dimensão, 1992.

### Teoria do Patrimônio:

BRANDI Cesari. **Teoria da Restauração**. Tradução Beatriz Mugayar Kuhl. Torino: Ateliê Editorial, 2004.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio** tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios **Carta de Burra**. Austrália, 1980.

ICOMOS. Conselho Internacional dos monumentos e sítios. **Carta de Veneza. Carta Internacional Sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios**. Veneza, 1964.

LONDRES FONSECA, Maria Cecília. Patrimônio em Processo: **Trajatória Política de Preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1997.

Arquitetura

TAGIL, Nizhny. **Carta para o Patrimônio Industrial**. Tradução Cristina Meneguello. Moscou: TICCIH, 2003.

## Sobre o Edifício:

**CALS, Mauricio** Quinderé. **O Centro Histórico de Fortaleza: Ensaio Fotográfico.** Fortaleza (CE): Expressão Gráfica, 2002

**CASTRO, Jose Liberal de.** **Arquitetura Eclética no Ceara** In **Ecletismo Na Arquitetura Brasileira**, São Paulo, Nobel, 1987.

**FORTALEZA 1910. Fortaleza:** Universidade Federal do Ceará, 1981

**MONTEIRO, Denise Mattos.** **Casas Comerciais Francesas no Brasil e na América Latina de séc. XIX**  
**F o n t e s P a r a a P e s q u i s a H i s t ó r i c a . ( A r t i g o ) .** In :  
<http://www.institutomora.edu.mx/revistas/Numero%209/9-5DeniseMattosMonteiro.pdf>, Acessado entre Janeiro e Julho de 2007.

**NIREZ. Fortaleza de Ontem e de Hoje.** Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1991.

## Arquitetura:

**CAPELO FILHO, Jose; SARMIENTO, Lídia.** **Mercado de Ferro: Notas Sobre a Restauração do Mercado dos Pinhões.** Fortaleza: Oficina de Projetos, 2003.

**CHING, Francis D. K.** **Técnicas de Construção Ilustradas.** Tradução Luis Augusto M. Salgado. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**COELHO, Roberto de Araújo.** **Interface Entre Perfis Estruturais Laminados e Sistemas Complementares.** 1º Edição. Perfis Gerdau Açominas, 2002.

**MARINGONI, Heloísa.** **Princípios da Arquitetura em Aço.** Volume 4. 1º Edição. Perfis Gerdau Açominas, 2004.

**MONTENEGRO, Gildo A.** **Ventilação e Cobertas: Estudo teórico, histórico e Descontraído.** São Paulo, ed. Edgard Blücher Ltda., 1984.

**NEUFERT, Ernest.** **A Arte de Projetar em Arquitetura.** Editora Gustavo Gili S.A.

**PRONK, Emile.** **Dimensionamento em Arquitetura.** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2001.

**SERRONI, J. C..** **Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil.** São Paulo: SENAC, 2002.

## **Praia de Iracema:**

COSTA, Sabrina S. F. **Intervenções na Cidade Existente: Um Estudo sobre o Centro Dragão do Mar e a Praia de Iracema.** FAU\_USP, 2003.

**Lei 7987/96 de Uso e Ocupação do Solo de Fortaleza Consolidada.** Edição PPAU S/C Fortaleza. 1996.

SCHRAMM, Solange M. de O. **Território Livre de Iracema. Só o nome ficou? Memórias Coletivas e a Produção do Espaço na Praia de Iracema.** Dissertação de mestrado em Sociologia. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2001.

## **Home Pages (Para a Pesquisa da Obra de Arquitetos):**

[www.arcoweb.com.br](http://www.arcoweb.com.br)

[www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br)

[www.ofipro.com.br](http://www.ofipro.com.br)